

Revista do Pastor

www.supremoconcilio.org.br

Edição 20 | Março de 2019

ITEJ

FOGO ESTRANHO

PAG. 08

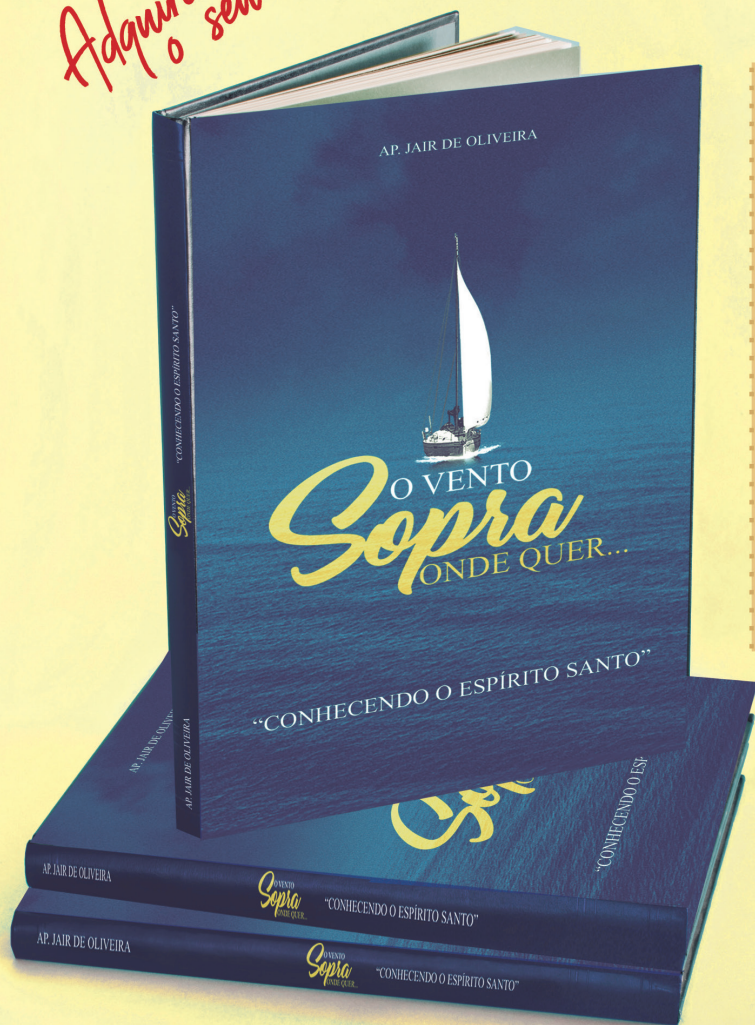
E MAIS →

BOA VONTADE NEM SEMPRE É A VONTADE DE DEUS. CONFIRA PAG. 14
GRAÇA "SEM GRAÇA". CONFIRA PAG. 20

"O VENTO SOPRA ONDE QUER"

Apóstolo Jair De Oliveira

Adquirir o seu!



Este material proporcionará condições para nos aprofundarmos no conhecimento bíblico sobre o Espírito Santo. A leitura deste livro não pode faltar na vida de nenhum cristão, desde o mais novo, até o mais antigo na igreja.

Espero que cada um possa aproveitar este livro para sua edificação pessoal e também para abençoar a sua igreja, pois a obra que nosso Apóstolo almeja é uma Igreja viva, poderosa e eficaz em sua missão de transformar o mundo.



JULGAR OU NÃO JULGAR?



Vivemos numa época em que expressar opinião pode ser considerado por muitos, algo perigoso. O politicamente correto, o direito das minorias, o preconceito, o racismo, assédio, intimidação, parece que se você olhar para alguém, vai ser processado.

No que diz respeito à igreja, as pessoas estão cada dia mais sensíveis (não à voz do Espírito!), o pregador

precisa medir as palavras, pois pode “ofender” alguém.

Sabemos que a pregação visa também tirar as pessoas da zona de conforto, em alguns casos confrontá-las com a verdade. Em algum momento as pessoas vão se sentir incomodadas. Quero afirmar aqui: “Isso é realmente o Evangelho!”.

Muitos obreiros estão trazendo para dentro da igreja princípios que não

são bíblicos. Querendo que a igreja adote os valores do mundo, como uma forma de se tornar mais relevante para a sociedade, para se tornar mais contemporânea, como uma forma de alcançar a sociedade moderna.

Deixe-me dizer algo: O Evangelho não pode se adaptar ao mundo, na verdade, o Evangelho é a ferramenta de Deus para transformar o mundo!”.

Então qual é o critério correto?

A bíblia é o nosso referencial e nela existem conselhos para todas as situações da vida. Antes de dizer algo mais, precisamos consultar a Palavra de Deus sobre como devemos lidar com essas situações. Começaremos com o princípio sobre julgar ou não julgar. E, a partir daí, apontar caminhos que podem trazer verdadeira transformação da sociedade pelo Evangelho.

Na Igreja em nossos dias aparecem polêmicas e desentendimentos sobre assuntos que dizem respeito a cristãos e suas práticas pecaminosas. Alguns acusam, atacam, outros defendem, justificam, e essa polêmica parece não ter fim.

Surgem sempre aqueles que alegam que não temos o direito de julgar os outros e que pastor nenhum tem o direito de julgar sua vida. Sei que existem situações em que julgar é realmente errado, mas é para todo caso.

Alguém é “julgado” por ter “pecado” ou ter feito “declarações” nas quais expressou seu ponto de vista acerca de determinado assunto, e os demais estavam simplesmente avaliando e rejeitando sua opinião. Infelizmente, muitas pessoas se ressentem e esse tipo de conversa é bastante comum no meio evangélico moderno.

Como líder na igreja,

eu mesmo já tive a necessidade de disciplinar alguém, algum obreiro, e até mesmo suspender pastores. É claro que também fui julgado por essas decisões (principalmente por aqueles que defendem a ideia de não julgar!). O que desejo aqui é esclarecer essa questão tão polêmica, que é um problema em nossa igreja e também em outros ministérios.

Muitas vezes as palavras de Jesus são usadas equivocadamente como desculpa ou argumento em favor de que devemos aceitar tudo o que se diz e faz, sem pronunciar qualquer juízo de valor que seja contrário. Será que foi isso mesmo o que Jesus ensinou? Aqui está a passagem que causa essa polêmica:

“Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão. Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e,

“

O julgamento hipócrita é o alvo de Jesus aqui. Aquela pessoa que insiste em ver os defeitos alheios sem olhar para as próprias falhas.

”

voltando-se, vos dilacerem”. Mateus 7.1-6

O julgamento hipócrita é o alvo de Jesus aqui. Aquela pessoa que insiste em ver os defeitos alheios sem olhar para as próprias falhas. O Senhor determina que primeiro nos examinemos e nos submetamos humildemente à mesma medida que queremos usar para medir e avaliar o procedimento e as palavras dos outros. E, então, precisamos remover a trave do nosso olho, isto é, corrigir nosso caminho e reformar nossa conduta.

Jesus também ensina que, se desobstruirmos nossa visão, então deveríamos

tirar o argueiro do olho de nosso irmão. O que o Senhor quer evitar é que um indivíduo praticamente cego por trazer no olho um tronco de árvore, tente tirar um cisco no olho de alguém. Mas, uma vez que enxerguemos claramente, depois de removido o que bloqueia nossa compreensão e percepção, devemos fazer a remoção do cisco do olho do outro.

Observe que no versículo seis, o Senhor chama a nossa atenção, para algo que devemos fazer, mas que, só é possível se houver um julgamento. Sim, pois como poderemos evitar entregar nossos bens preciosos a cães e porcos sem que primeiro cheguemos a uma conclusão sobre quem se enquadra ou não nessa categoria? Está claro que Jesus se refere a

pessoas que se comportam como porcos e cães, que não veem nenhum valor no que temos de mais precioso, isto é, as coisas de Deus.

O que entendemos é que o Senhor não proíbe que julguemos os outros. O que ele diz ser errado é que julguemos com intenções maldosas, orgulhosas ou hipócritas. Precisamos avaliar, analisar, examinar e chegar a uma conclusão, para que evitemos o erro. Em outras palavras, julgar — acerca da vida, do comportamento e das declarações dos que nos cercam.

Julgar é necessário na vida de todo cristão. Somos constantemente desafiados a julgar, movidos por amor às pessoas e cuidado pelas coisas de Deus. Aquelas pessoas que se negam a julgar,

que se escondem, de certa forma contribuem para que o erro avance e as pessoas continuem no seu erro. Quem não julga mostra que não tem convicções e, por isso, torna-se de certa forma parte de mentiras, heresias e atos imorais e antiéticos.

Paulo disse a Timóteo: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos. Não te tornes cúmplice de pecados de outrem. Conserva-te a ti mesmo puro” (1 Tm 5.22). Não é possível conceber a ideia de como Timóteo poderia cumprir tal orientação sem exercer julgamento sobre outros. Em resumo, julgar não é errado, desde que:

a) nosso objetivo seja ajudar, sarar, curar os outros, e corrigi-los no que, porventura, tenham feito ou dito;

b) que estejamos debaixo do mesmo julgamento e estejamos prontos para reconhecer que também podemos errar, pecar e dizer bobagem.

Que o Espírito Santo nos ajude a lidar com esse assunto tão polêmico em nossos dias, que Ele nos dê coragem para fazer aquilo que é correto e ajudar a Igreja e os irmãos a caminharem cada dia mais firmes na presença do Senhor.

Apóstolo Jair de Oliveira – Presidente da Casa da Bênção - ITEJ



Apóstolo Jair de Oliveira
Servo do Senhor Jesus

REVISTA DO PASTOR

Editorial

Queridos (as) pastores (as) eu tenho a alegria em apresentar a vocês a revista do Pastor com o Tema “Fogo Estranho no Altar”.

Como obreiros na Seara do Senhor enfrentamos o desafio de avançar diariamente, trabalhar muito e esperar com muita fé o resultado nosso trabalho (almas).

Somos uma igreja que sempre respeitou o trabalho de cada líder, procurando sempre motivar e nunca controlar o trabalho local em suas diversidades de campanhas e projetos.

Porém se faz necessário ressaltar que não é qualquer método ou trabalho que o Senhor aceitará com o argumento de se ganhar almas, fazer a igreja crescer, tornar-se uma igreja relevante, etc.

É preciso conhecer a Palavra de Deus e entender que, acima de tudo, a Obra de Deus é santa. Que a “obra” vem de Deus é feita através do Seu Espírito e o objetivo final é agradá-lo! (Romanos 11.36)

Por este motivo esta edição da Revista do Pastor traz como base a história de Nadabe e Abiú (Lv 10.1,2), que ofereceram fogo estranho no Altar e foram instantaneamente mortos pelo Senhor.

Em linhas gerais, esta Revista do Pastor trata de assuntos pertinentes a maneira como a Obra de Deus está sendo feita, principalmente em nossos dias. Alerta-nos para não fazermos o trabalho da igreja de forma errônea ou desleixada. Destaco ainda que alguns, por falta de conhecimento, estão fazendo “coisas” para Deus, e não a Sua Obra.

Espero que aproveitem a leitura e que essas matérias possam ajudá-los a melhorar cada dia mais o trabalho na Seara do Senhor!

Um abraço carinhoso!

Pastor Sérgio Affonso

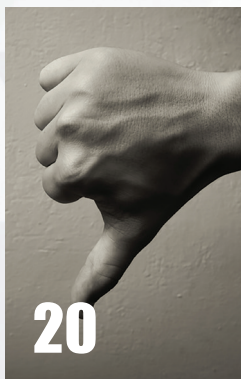


Pastor Sérgio Affonso

Jornalista MTB: 0076768/SP

Diretor da Revista do pastor

Í N D I C E



08

FOGO ESTRANHO NO ALTAR

14

BOA VONTADE NEM SEMPRE É A VONTADE DE DEUS

23

“SANTO GOOGLE” E DEMAIS SANTOS

31

UMA NOVA OBRA DO ESPÍRITO SANTO?

33

IGREJA INCLUSIVA SEGUNDO A BÍBLIA SAGRADA

45

GLÓRIA, GLÓRIA, GLÓRIA... PRÁ QUEM?

**Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus
Conselho Editorial**

Presidente: Ap. Jair de Oliveira

Bispos: A.C. Palaroni, Wilson J. Ribeiro, Jaime Caieiro

Secretários: Pr. Marcus Galdino, Pr. Arcentik Dias, Pr. Sérgio Affonso e Jairo Jefferson

REVISTA DO PASTOR

Editor chefe: Sérgio Affonso. MTB 0076768/SP | E-mail: revistaopastor@gmail.com

Colaboradores: Stenio Façanha, Edmilson Silva, Rafael Affonso, Eduardo Moreira.

Diagramação e Arte Final: Anderson Ligado | **Capa:** Anderson Ligado

Impressão: Super Gráfica (61) 98169-7369 - david.supergrafica@gmail.com

Endereço: CSA 01, LT. 10, SOBRELOJA 01, ED. BELA VISTA, TAGUATINGA-DF, CEP: 72015-903 - FONE: (61) 3033-9900 |

FOGO ESTRANHO

(Levítico)



O QUE SIGNIFICA A EXPRESSÃO BÍBLICA FOGO ESTRANHO?

Em linhas gerais, o termo *estranho* refere-se a alguma coisa desconhecida, incomum; ou qualquer comportamento que fuja à regra - atitudes fora do habitual. Contudo, no livro de Levítico, esta mesma palavra foi usada por Moisés com significado religioso, ou seja, para indicar práticas contrárias aos princípios estritamente re-

lacionados com santidade e obediência descritas no livro, pois esta é a temática de Levítico: *“Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou Santo” (Lv 19.2)*. Portanto, a palavra é usada frequentemente como adjetivo, para qualificar alguma coisa fora da Lei de Deus, e o dever de diferenciar o santo do profano.

A palavra *estranho*, no livro de Levítico, é a tradução do hebraico “ZÔR”, que primitivamente significa “desviar-se”,

apartar-se” ou “profanar”. Considerando o juízo que Deus aplicou contra Nadabe e Abiú, o fogo que ofereceram no altar denominado de fogo estranho, indica que, no exercício de suas funções sacerdotais, fizeram o que era proibido na Lei, associaram aos elementos que compõem o incenso puro e santo, um fogo que não era de origem divina. É como diz o texto: *“... ofereceram fogo estranho perante o Senhor, o que não lhes havia orde-*

FOGO NO ALTAR

(Levítico 10.1,2)

DISCÍPULOS



nado” (Lv 10.1). A atitude dos sacerdotes foi considerado profanação do sagrado.

O FOGO ORIGINAL

No tabernáculo, especificamente no altar do holocausto, havia o fogo original com as chamas que foram acesas pelo próprio Deus. De acordo com Levítico 9.24 o fogo original do altar vinha de Deus, não de homens: “... e a glória do Senhor apareceu a

todo o povo. Porque o fogo saiu de diante do Senhor, e consumiu o holocausto e a gordura, sobre o altar; o que vendo todo o povo, jubilaram e caíram sobre suas faces” (Lv 9.23,24). O fato de as pessoas se prostrarem em adoração, demonstra que identificaram corretamente que as chamas indicavam, não apenas que o culto estava correto e foi aceito, mas que o fogo também sinalizava a real presença do Eterno a quem cultuavam.

NÃO BUSCARAM FOGO ORIGINAL

Levítico 10.1,2 é uma sequência negativa do capítulo 9. Noutras palavras, enquanto o final do capítulo 9 descreve como tudo foi feito corretamente, resultando na manifestação do fogo divino como selo de aprovação do Eterno, o capítulo 10 inicia com os filhos mais velhos de Arão, Nadabe e Abiú, realizando suas tarefas no

tabernáculo: oferecer incenso diante do Senhor. Mas o serviço foi feito de modo bem diferente do que o Senhor havia ordenado, pois visto que o fogo desse altar (aceso pelo Senhor) não podia apagar-se, todos os sacrifícios de Israel desde este dia em diante seriam consumidos pelas chamas originais de Deus, inclusive os elementos que compõe o incenso puro descritos em Êxodo 30.34-38. Na instrução quanto ao preparo e uso das especiarias aromáticas (estoraque, onicha e gálbano), o Senhor foi enfático: *“Disto farás incenso, um*

“

*Deus exigiu
pureza, sem
mistura ou confusão
com coisas
comuns...*

”

perfume... puro e santo” (Êx 30.35). *“... santo será para o Senhor”* (Êx 30.37). Portanto, a instrução dizia que, quem usasse indevidamente seria *“... extirpado do seu povo”* (Êx 30.38). Deus exigiu pureza, sem mistura ou confusão com coisas comuns, e a afirmação *“santo será para o Senhor”*, era uma lembrança sucinta da importância da separação das coisas santas para a adoração a Deus. Esta deveria ser a associação: Santo com o que é santo. Quando os elementos do incenso foram associados a algo comum (não ao fogo santo e original), houve grave infração, resultando na morte de Nadabe e Abiú: *“... Então saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor”* (Levítico 10.1,2).

QUAIS AS LIÇÕES QUE PODEMOS EXTRAIR DA HISTÓRIA DE NADABE E ABIÚ?

Paulo explica que as situações das quais aconteceram a Israel não são simplesmente eventos históricos a serem interpretados, mas advertências. As figuras, eventos e personagens do Antigo Testamento são denominados tipos e têm o propósito especial de nos ensinar certas lições: *“Ora, tudo isto lhes*

sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso...” (I Co 10.11). Certamente que, o episódio de Nadabe e Abiú, também chegou até nós com semelhante finalidade: alertar e ensinar. Paulo ainda nos adverte que podemos fracassar facilmente como um deles (I Co 10.12). A partir de Nadabe e Abiú, consideraremos algumas poucas figuras do Antigo Testamento e observaremos algumas lições:

1. A manutenção das chamas originais.

Não havia justificativas, pois tudo estava minuciosamente descrito. Veja que, por pelo menos cinco vezes em Levítico (6.2,12,13) os sacerdotes são orientados, imperativamente, a não deixar o fogo se apagar: (1) *“... e o fogo do altar arderá nele”* (6.2); (2) *“O fogo que está sobre o altar arderá nele...”* (6.12); (3) *“... não se apagará...”* (6.12); (4) *“... mas o sacerdote acenderá lenha nele cada manhã...”* (6.12); (5) *“O fogo arderá continuamente sobre o altar; não se apagará”* (6.13). Observe que, após a manifestação sobrenatural do fogo de Deus (*“... Porque o fogo saiu de diante do Senhor...”*) a responsabilidade em manter as chamas intensas e bem vivas, não

“

***Também é
óbvio que, o
exercício deste
sacerdócio, implica
responsabilidade
diretamente
relacionada à
liderança de governo
da igreja.***

”

era do Senhor, mas dos sacerdotes: “... *mas o sacerdote acenderá lenha nele cada manhã...*” (Lv 6.12). Cada membro da igreja recebeu responsabilidades quanto sacerdócio real em Cristo (I Pe 2.9). Também é óbvio que, o exercício deste sacerdócio, implica responsabilidade diretamente relacionada à liderança de governo da igreja.

Assim como os sacerdotes do Antigo Testamento tinham a responsabilidade de direcionar a vida religiosa do povo, organizando os cerimoniais e a adoração conforme as orientações do Senhor, os

líderes e pastores também foram eleitos para exercer “o sacerdócio real (...) para anunciar as virtudes daquele que nos chamou” (I Pe 2.9). O “sacerdócio real” *significa unção e poder para administrar as coisas sagradas de acordo com a orientação divina; Deus deu este poder aos líderes e pastores. “As virtudes” que devem ser anunciadas, em síntese, estão associadas às manifestações dos atributos de Cristo: quem Ele é, o que fez, faz e o que espera de nós e da igreja. As chamadas originais destas verdades não podem se apagar: “... mas o sacerdote acenderá lenha nele cada manhã...”* (Lv 6.12).

Quanto às chamadas, mantê-las acesas requer não apenas atenção e percepção, mas persistência e atitude. Alguém até pode, atentamente, perceber ameaças contra a saúde espiritual da igreja, mas na hora de agir, pode omitir-se. Paulo percebeu que Timóteo estava enfrentando resistência. Notou que as chamadas estavam em seu ponto mais baixo, então exerceu sua função sacerdotal de manter as chamadas em seu ponto mais alto. Removeu as cinzas e renovou a lenha, dizendo: “... *pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo*” (II Tm 4.2). Vemos aqui duas importantes recomenda-

ções: A primeira – “*pregues a palavra*”. O alicerce de qualquer ministério e igreja é a Palavra de Deus; ela é pura, e apelar para qualquer tipo de elemento que não esteja alinhado à pureza da Escritura só para agradar, é ignorar sua autoridade e fundamentos originais da fé. Não podemos pregar nossas próprias ideias, não fazemos nem criamos a mensagem, apenas transmitimos. A segunda – “*instes a tempo e fora de tempo*”, significa estar atento todo o tempo às necessidades da abordagem de temas inevitáveis e preciosos, e manifestar atitude firme e persistente (não agressiva ou depreciativa) na pregação da verdade, mesmo quando pareça inoportuno. Apesar do zelo pastoral pela pureza da igreja, há “cristãos” que preferem ouvir “mestres” com ideias que combinam com sua vida no erro; zombam e dão as costas para a verdade (II Tm 4.3,4). Optam por ouvir aquilo que, ao invés de aproximá-los, afasta-os cada vez mais de Deus. Diante desse tipo de resistência, a recomendação de Paulo é “... *sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério*” (II Tm 4.5).

2. Não associar o

santo ao profano.

No exercício de suas funções, Nadabe e Abiú associaram ao incenso puro um fogo que não era de origem divina, era uma combinação proibida. É como diz o texto: *“... ofereceram fogo estranho perante o Senhor, o que não lhes havia ordenado”* (Lv 10.1). Hoje, o Fogo Estranho significa buscar “recursos” em fontes pervertidas, e associá-las à pureza do evangelho - padrão de conduta cristã. Fé, vida, serviço, adoração, ministério, igreja e a mensagem só são genuínos se sua origem estiver no Pai, por meio

“

Hoje, o Fogo Estranho significa buscar “recursos” em fontes pervertidas, e associá-las à pureza do evangelho - padrão de conduta cristã.

”

de Seu Filho Jesus Cristo. João declarou que Jesus é a fonte eterna e original de tudo (Jo 1.1-4). Jesus se intitula a fonte inconfundível da vida espiritual do cristão e da igreja: *“Eu sou a Videira Verdadeira, meu Pai é o lavrador (...) quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”* (Jo 15.1,5). Paulo também nos revela Jesus como fonte inconfundível da origem, razão e manutenção de tudo: *“Porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória pois, a Ele eternamente. Amém”* (Romanos 11.36). Não há fé, vida, serviço e adoração genuínos sem Ele!

Desde Nadabe e Abiú até os dias atuais, o fogo estranho tem se disfarçado em roupagens variadas. Ele é sorrateiro! Começa com uma pequena centelha, se espalha em minúsculas faíscas quase que imperceptíveis, como por exemplo: “uma novidade ali! Outra ideia que vem de lá! Uma filosofia marxista dali! Uma ideologia de gênero dali! Uma neolibertinagem aqui!”. Tudo é disseminado em pequenas faíscas. Há fogo estranho em forma de literatura “evangélica”, aliás, até pregações e palestra com conceitos neolibertinos, com uma defesa velada do sexo antes do casamento, a

multiplicidades de parceiros, as relações homossexuais, a troca de esposas e maridos, absorção dos valores desse mundo no vestir, trajar, viver, andar e etc. A agenda é ampla! Defendem a liberdade cristã, a liberdade de consciência e a liberdade da lei, mas na realidade o que querem é serem livres de Deus, dos Seus princípios e das autoridades que Ele constituiu para liderar a igreja. Não compreendem a liberdade dada por Cristo como estímulo para obedecer a Deus, mas como licença para fazerem o que tiverem vontade.

O que dizer também das letras de músicas denominada “louvores”? A melodia até comove, mas a letra contradiz verdades absolutas da Escritura. Composições cujas mensagens são verdadeiras aberrações. Letras, por exemplo, que ao invés de se referir a Deus ou a Jesus como SENHOR, usa-se o pronome pessoal VOCÊ. Não há licença poética na Escritura para chamarmos Deus de você! Ele é Senhor, e nós, servos Dele. Há pronomes de tratamentos que nunca se aplicam ao Eterno. Chamá-lo de você não é sinal de intimidade com Ele! Há um nome citado por Paulo que reflete intimidade com Deus, intimidade de Pai e filhos: “...

“

Outro fenômeno da atualidade que tem espalhado faísca de fogo estranho é conhecido por Pós-modernidade e Indústria da Cultura.

”

Aba Pai...” (Rm 8.15). Jesus também usou este nome (Mc 14.36). Aba Pai é um nome íntimo que, apesar de meio informal, conserva, ao mesmo tempo, Sua dignidade e Sua posição de soberania. Como já dissemos, a agenda de letras de origens incertas é ampla, elas têm tudo, menos louvor que enaltece o Eterno! A maior fonte de composições é a Palavra de Deus, Davi usava esta fonte. A fonte de autoridade para a doutrina dos neolibertinos não é a Escritura, que em todo lugar condena a imoralidade, a concupiscência, a prostituição e o

adultério, mas se baseiam apenas em suas experiências pessoais ou no que acreditam.

Outro fenômeno da atualidade que tem espalhado faísca de fogo estranho é conhecido por Pós-modernidade e Indústria da Cultura. Quando submetidos ao crivo da Escritura, é fácil detectar que, uma de suas principais características é levar as pessoas a romperem compromissos com conteúdos éticos e morais. O que se crê, ou o legado deixado pelos antepassados é sem importância. Nesta concepção o que vale em um conteúdo é se agrada a maioria, o que é certo não é tão importante, mas sim aquilo que funciona. Existe um exército de colaboradores na linha de produção da Indústria da Cultura, entre eles há uma grande parcela que são os “influenciadores digitais” que impactam, todos os dias, centenas e até milhares de seguidores, com seu estilo de vida, opiniões e hábitos, tornando-se modelos de imitação. Tudo isso por meio de Instagram, Facebook, YouTube e Blog. Muitas vezes criam um novo padrão, novos hábitos, e sutilmente decidem por todo mundo o que vestir, como falar, responder, como viver, que música ouvir, como cons-

tituir família, e até na maneira de crer ou não crer em Deus. É a tentativa do domínio ideológico geral, onde o consumidor não é soberano como a Indústria da Cultura quer fazer crer. O consumidor não é sujeito, mas objeto de manipulação. A intenção aqui não é demonizar os avanços, pois nem tudo é nocivo. Eles nos trouxeram conforto e desenvolvimento, mas muitas vezes não servem apenas para informar ou contribuir com as inevitáveis necessidades legítimas da humanidade. Satanás tem utilizado desta ferramenta e feito estragos gigantescos, pervertendo a fé de muitos cristãos que deixaram de ser guiados pelos padrões bíblicos (Sl 1.1-6; Rm 12.2).

Na Escritura, Nadabe e Abiú, Balaão, Hofni e Finéias, Gezabel e os Nicolaitas se tornaram símbolos de contaminação no meio do povo de Deus. Eram peritos na arte de perverter pessoas. Este mesmo espírito de perversão, ainda que em outra roupagem, estão bem atuantes no mundo, e até mesmo na igreja, e precisam ser combatidos. Todo tipo de fogo estranho, que contamina a oferta do incenso puro que a igreja deve oferecer ao Senhor, precisa ser combatido.

BOA VONTADE NEM SEMPRE É A VONTADE DE DEUS

“E levantou-se Davi, e partiu, com todo o povo que tinha consigo, para Baalim de Judá, sobre a qual se invoca o nome, o nome do Senhor dos Exércitos, que se assenta entre os querubins.”

UM PADRÃO DEFINIDO

O sucesso do povo hebreu nas decisões e conquistas dependia de sua inteira submissão aos mandamentos divinos (Js 1.7,8). Aqui Deus mostra para Josué que já havia estabelecido o padrão de como Israel deveria agir no âmbito religioso, militar e civil, e que o legislador Moisés, ao transmiti-lo, seguiu a risca a orientação do Senhor. Não havia mais nada para legislar, deveriam apenas seguir o modelo já determinado. Da orientação divina depende também o

nosso sucesso na vida e no ministério, pois Deus não se limita apenas em determinar o que fazer, mas, essencialmente, orientar como fazer, e tudo dentro dos padrões que Ele mesmo estabeleceu. As primeiras palavras que lemos ao abrir a Bíblia são “No princípio Deus...” (Gn 1.1), portanto, para qualquer escolha ou decisão, não podemos fazer melhor do que começar sob a orientação Daquele que é o Soberano Arquiteto de todas as coisas.

Entre as ordenanças e padrões dados por Deus aos hebreus, havia o que estava relacionado à Arca

ou Caixa Sagrada, o mais importante símbolo associado à presença de Deus no tabernáculo. Moisés seguiu o padrão divino para confeccioná-la (Êx 25.8-16). Feita de madeira de acácia e cuidadosamente revestida de ouro por dentro e por fora. De forma retangular media, aproximadamente, 1,10 m de comprimento por cerca de 70 cm de largura e 70 cm de altura. Nos quatro cantos da Arca havia argolas, uma em cada canto, para que fossem colocadas as varas, também revestidas de ouro, e não podiam ser removidas da Arca (Êx 25.12-15), porque permi-



para levarem dali a arca de Deus, querubins” (II Samuel 6.2).

tiam que ela fosse transportada nos ombros dos levitas apenas pelas varas, pois não poderia ser tocada (Nm 4.15; II Sm 6). Dentro dela mantinham registros testemunhais de eventos marcantes na vida dos hebreus que confirmava o relacionamento de Deus com a nação de Israel; as duas tábuas de pedra dos Dez mandamentos eram as condições do pacto divino (Êx 25.16), daí o nome Arca da Aliança. A vasilha de maná (Êx 16.1-15,31-34) e a vara de Arão que brotou (Nm 17.10,11) eram comprovantes das provisões que Deus supriu no deserto e da escolha de

Arão e seus descendentes para o sacerdócio. A tampa da Arca tinha dois querubins que integravam uma única peça de ouro maciço (25.18-22).

SEGUIR O PADRÃO DIVINO RESULTA EM BENÇÃOS E CONQUISTAS

A Arca representava a presença e a bênção de Deus: Guiando o povo (Nm 10.35); Falando com o povo (Êx 25.22); Habitando com o povo (Êx 25.8); Concedendo vitórias (Js 3.3,4). Nas campanhas militares era transportada pelos sacerdotes, e era motivo da proteção para os Israelitas: *“Assim partiram do monte do Senhor caminho de três dias; e a arca da aliança do Senhor caminhou diante deles caminho de três dias, para lhes buscar lugar de descanso”* (Nm 10.33). Em síntese, sem a Arca o tabernáculo era como um corpo sem vida, ela era o coração do santuário. Já que ela simboliza Cristo, podemos imaginar o que significa uma igreja sem a presença ou o comando do Filho de Deus!

Tudo o que estava relacionado com o Tabernáculo, sua mobília, utensílios e assuntos religiosos relativos à Arca, deveria seguir a orientação do mo-

“

Seguir a orientação divina significa fazer o que Deus determinou, e não fazer aquilo que achamos ser o correto.

”

delo dado por Deus (Êx 25.8,9), e foi o que Moisés fez (Êx 40.16,33).

Seguir a orientação divina significa fazer o que Deus determinou, e não fazer aquilo que achamos ser o correto. A realização daquilo que é certo sob a tutela dos Mandamentos de Deus é prerrogativa essencial do nosso dia a dia, pois a questão não é fazer as coisas apenas com boas intenções ou porque tem que ser feito, mas fazer, essencialmente, da maneira certa, e com critério. Vale mencionar que, há muita gente na igreja, e no exercício ministerial, que possuem intenções sinceras

e legítimas no que fazem, mas só boas intenções não bastam. Fazer a obra de Deus da maneira errada como muitos fazem, pode atrair danos irreversíveis, como já aconteceu na vida de muitos, e as Escrituras nos alerta sobre isso.

Cuidado! Boa intenção não é tudo, é necessário seguir o padrão.

O rei Davi estava vivendo um período de grandes conquistas e ascensão, estava fortalecendo seu reino e alargando as estacas territoriais de seu governo, tinha boas intenções: trazer a Arca, o símbolo mais sagrado da presença divina a Jerusalém. Davi não via a Arca como uma peça de antiguidade histórica, ele estava realmente interessado em adorar o Yahweh, e deu atenção especial à Arca da Aliança, que havia sido ne-

gligenciada no governo de Saul. Porém, sua intenção era boa, seus métodos não. Como já foi citado, havia na Lei, claras orientações de como conduzir a Arca (Êx 25.13-15; Nm 3.30,31), mas o rei não consultou a Lei, muito menos os especialistas dela: “E teve conselho com os capitães dos milhares, e dos centos, e com todos os príncipes...” (I Cr 13.1).

Davi consultou líderes militares e de valor inestimável. Conheciam tudo sobre estratégia, treinamento e organização militar; entre eles estavam os valentes de Davi, capazes de assessorá-lo em qualquer assunto na esfera política e militar. Porém, não entendiam dos assuntos religiosos e cerimoniais relativos à Arca do Senhor. A decisão deste conselho em conduzir a Arca não seguiu o modelo deixado por Moi-

sés, baseou-se em ideias e novidades pagãs, que foram aprovadas por Davi e aderidas pelos sacerdotes e o povo (I Cr 13.2; I Sm 6.7,8), e que resultou na morte do pobre Uzá! (ICr 13.7-12). De acordo com descrição do cronista, Uzá realizava com boas intenções a tarefa na qual foi designado, porém além de não poder levar a Arca por não ser um levita (Nm 1.50,51; 4.4-5), desconhecia os assuntos religiosos relacionados a ela. A precipitação de Davi comprometeu o projeto e resultou na morte de alguém que não poderia desempenhar tal ofício.

É chocante observar que em I Crônicas 13.2 diz que os sacerdotes e levitas também estavam entre o povo que se juntou a Davi no projeto de levar a Arca à Jerusalém. Veja que até os responsáveis de cuidar das coisas sagradas foram de-



satentos aos mandamentos ditados pelo Senhor! Se eles sabiam qual era a maneira certa de conduzir a Arca, então, foram no mínimo omissos; mas se não sabiam, tinham a obrigação de procurar saber (Nm 4.5,15), pois para isso foram escolhidos – administrar as coisas sagradas (Dt 18.5; I Cr 15.2).

As leis, profetas e sacerdotes eram suficientemente capazes de guiar os hebreus no padrão instituído por Deus (Jesus fez o mesmo à igreja – Mt 5.1-7.29; Ef 4.11-16). Por isso, foi doloroso para Davi aprender a lidar com a Arca por meios tão desastrosos e irreparáveis! (I Cr 13.9,10). Infelizmente, a morte de Uzá foi uma maneira horrível de alertar o rei, de que tudo relacionado ao Senhor tem um padrão, e merece reverência e respeito! (I Cr 13.11,12). Entretanto, vale destacar que, se a eira de Quidom, lugar da morte de Uzá, rebatizada pelo nome de “Perez-Uzá” (ataque contra Uzá), tornou-se um memorial para quem violava a santidade de Deus, por outro lado, as bênçãos na casa de Obede-Edom, o levita, onde a Arca ficou por três meses, testemunhava, também, o que Deus pode fazer com aqueles que o temem e andam de acordo com os seus mandamentos

(I Cr 13.14).

NÃO DEVEMOS ABRIR MÃO DOS PADRÕES DIVINOS

Hoje, quais os danos que resultam do fato de fazermos as coisas que devem ser feitas, porém infringindo princípios imutáveis? Quantos líderes e pastores que tem o desejo sincero de ver a igreja que ele lidera alcançar patamares mais altos, mas que na hora de elaborar os planos de execução permitem que a força de hábitos, totalmente desalinhados dos propósitos de Deus, interfira em decisões tão cruciais para o crescimento saudável da igreja! É bom lembrar que tudo começou quando Davi, com fervorosa devoção, decidiu trazer a Arca a Jerusalém, mas resolveu reunir um conselho de homens que nunca foram vocacionados para o assunto, o texto diz que Davi “teve conselhos” com eles.

Qual é sua fonte de orientação?

Nos dias de hoje esse tem sido um problema comum. A maneira frenética de conduzir as coisas é o que tem levado muita gente a ouvir de tudo, ler de tudo e adotar tudo, mas sem filtrar nada. Se Davi

tivesse buscado saber o que a lei dizia, ou consultado os peritos dela, teria sido capaz de estabelecer uma comparação entre o que Deus pensa e o que pensavam seus “conselheiros”. Nossas decisões se baseiam, consequentemente, no que consideramos nossa fonte de orientação. Para a operação “O Retorno da Arca” o que Deus pensa, ficou de fora do projeto de Davi. Quem ou que, é a sua fonte de orientação para execução dos projetos da igreja? Paulo disse: “... o que recebi do Senhor também vos ensinei...” (I Co 11.23; Jo 8.38,49). A Bíblia Sagrada é a maior fonte de orientação, e muita gente precisa voltar a esta fonte (Ml 2.7). A história diz que foi preciso acontecer um dano irreversível para que Davi e os sacerdotes ficassem mais atentos a tudo com relação às coisas de Deus, e voltassem para a lei. (I Cr 13.11-13; 14.2,3,11-15).

Há sempre o risco de nos aconselhar com pessoas erradas, pessoas com conceito relativistas para quase tudo o que vai ser realizado na obra de Deus. O relativismo é capaz de, sutilmente, mascarar toda e qualquer inversão de valores, e, promover a ideia de fazer o que é certo da maneira errada. O profeta Isaías denunciou a

grande inversão de valores já muito presente no seu tempo: “Ai dos que ao mal chamam de bem e ao bem, mal! Que fazem da escuridão luz, e da luz, escuridão, e fazem do amargo doce, e doce, amargo!” (Is 5.20). A inversão das distinções morais é clara neste texto. O povo e seus mestres tinham se tornado tão depravados, que eles consideravam o pecado como sendo normal, e o bem como sendo mal. A maioria das pessoas confundiam amargo e doce ou luz e escuridão.

Os contemporâneos de Isaías são como muitos “pastores” e “obreiros” de hoje com respeito ao álcool, corrupção, homossexualismo e outras perversões sexuais; já há aqueles que sem perceber embarcaram na concepção da indústria da moda, de que o propósito da roupa não é cobrir o corpo, e sim a atração sexual, coisas que são totalmente opostas à modéstia cristã (I Tm 2.9). É triste quando as pessoas negligenciam a verdade! É triste ver todo mundo sendo tudo, e pior, ocupando funções diversas na igreja, porque foram ordenadas sem critério algum (I Tm 5.22); pessoas sem compromisso com a santidade, trapaceiros, filhos insubordinados, violentos, e infiéis aos votos sagrados

do casamento. E o que dizer dos jovens, adolescentes e crianças que são lideradas por “professores” e “mestres” mundanos, completamente desprovidos da real conversão e estilo de vida cristã? Muitos até pregam e cantam louvores com mensagem ortodoxa, mas sua vida, na prática, é uma heresia. Cometem com escárnio os pecados pelos quais Jesus morreu. A condição do povo hebreu podia ser julgada a partir do valor que atribuíam ao que era sagrado, e assim acontece hoje; se, pois a pessoa, obra e mensagem de Jesus são vistas com desprezo, a vida da igreja ou do indivíduo, enfraquece até à morte.

Em pleno século XXI estamos inseridos em uma sociedade extremamente relativista, que defende que o certo e o errado é só uma questão de pontos de vista e que não faz muito sentido para o homem da pós-modernidade. Neste relativismo as pessoas são estimuladas a decidir a seu próprio critério sobre o que é certo ou errado. Este fenômeno merece atenção especial, principalmente se estiver ganhando espaço no seio da igreja. Quantas pessoas relativistas do ponto de vista da santidade estão hoje envolvidas em atividades sagradas,

cargos de liderança e etc.! É muita gente como Hofni e Finéias, exercendo o santo sacerdócio sendo filho de belial! (I Sm 1.3; 2.12,22).

Cristo não admite Sua Igreja influenciada por fenômenos sociais sem limites éticos e morais. A Igreja está no mundo e na sociedade, não para adotar seu sistema e estilo de vida, mas para ser luz e fazer a diferença (Mt 5.13-16). A igreja de Tiatira era uma comunidade marcada pelo amor e muitas atividades religiosas, sua agenda de programações era cheia (Ap 2.19), mas, influenciada pela sociedade da época, tolerava o pecado e vivia no pecado (Ap 2.20-23). Sabemos que o “dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor!”. Isso é bíblico (Rm 6.23). Mas, selecionar e isolar textos da mensagem do amor de Deus para justificar uma vida libertina, significa, no mínimo, ignorar o propósito para o qual fomos redimidos: “Pois, foi Deus quem nos fez o que somos agora; em nossa união com Cristo, ele nos criou para que fizéssemos as boas obras que ele já havia preparado para nós” (Ef 2.10 – NTLH. Ler também Jo 3.1-10; Ef 4.17-24). Crermos no “amor” e no “dom gratuito de Deus que

é a vida eterna!”. Mas, esta verdade não pode ser dissociada daquela que diz: “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). Aliás, consequências dos erros nem sempre são imediatas, como no caso de Uzá, Nadabe e Abiú, Ananias e Safira e etc.! Se alguém não sofre o juízo imediato por seus erros, não significa que esteja tudo bem ou que Deus esteja aprovando as ações; se não houver arrependimento, cedo ou tarde haverá uma colheita (Pv 29.1; Gl 6.6), e um dia haverá o ajuste de contas definitivo (Mt 7.21-23).

PARA REFLETIR

Diante de tudo o que foi abordado até aqui, sabemos que é necessário proteger a igreja do relativismo destemperado e da imoralidade! Mas, primeiro é preciso refletir profundamente na responsabilidade de Davi na morte de Uzá, e perguntar: Quantos Uzás ainda morrerão espiritualmente (e até fisicamente – I Co 11.30) na igreja por negligência, e até omissão do ensino das verdades imutáveis de Cristo? Quem dará conta desses Uzás? Deus falou com o profeta Ezequiel: “Você, filho do homem, é a sentinela. Fiz de você a sentinela de Israel. No momento em que

você receber uma mensagem minha (Eu Sou Sua Fonte), avise o povo. Se eu disser ao perverso: ‘você está na rota da morte’, e você não se manifestar e não avisar o perverso para que mude seu caminho, o perverso morrerá sem ser alertado dos seus pecados e vou considerar você responsável pelo sangue dele. Mas, se você avisar os perversos para que mudem sua maneira de viver, e eles não o fizerem, morrerão nos seus pecados bem avisados, mas ao menos você salvará sua alma” (Ez 33.7-9 – grifo do autor. Bíblia A Mensagem).

O RECOMEÇO: de

volta aos padrões divinos (Sl 119.59)

Apesar de seu erro grotesco, Davi era um homem quebrantado, um exemplo de humildade que devemos seguir (Sl 51.17). Ele sabia como poucos, reconhecer os erros e desfrutar da graça de Deus! (I Cr 21.1-30). Quando percebeu seu erro, admitiu, e corrigiu o seu curso. Submeteu-se às orientações da Palavra de Deus, submeteu-se àqueles que realmente entendiam dos assuntos relacionados à Arca, e àqueles que tinham legalidade de transportar a Arca (Nm 4. 4-5,14,15; I Cr 15.2,13,15,26-28). Por isso, desfrutemos do amor

“

*Cristo não
admite Sua Igreja
influenciada
por fenômenos sociais
sem limites éticos
e morais.*

”

do nosso Pai celeste que “... corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija?” (Hb 12.6,7). Portanto, se qualquer negligência em nossa trajetória ministerial tem nos desviado do padrão estabelecido por Deus, não esperemos que os bois tropecem resultando em perdas irreparáveis em nossa vida ou na vida de alguém, devemos parar, imediatamente, para reconsiderar os erros cometidos (Ap 2.5).

*Apóstolo Jair de Oliveira
– Presidente da Casa da
Bênção - ITEJ*

GRAÇA “SEM GRAÇA”!

Os cristãos contemporâneos desenvolveram um conceito errado e enganoso, da graça. Já ouvimos, muitas vezes, referências à graça como uma

desculpa que encobre nossa vida de desobediência. Falando diretamente, usamos a graça como forma de justificar nosso estilo de vida egoísta, pessoal e

carnal.

Alguns segmentos religiosos evangélicos destacam exageradamente a bondade de Deus, mas em contrapartida, diminuem



Sua santidade e justiça. Esta guinada à esquerda fez com que muitas pessoas perdessem de vista o propósito de Deus. Para manter-nos em equilíbrio, temos que considerar a *“bondade e a severidade de Deus”* (Rm 11.22).

Teremos tendência de forjar um entendimento torto e empenado de Deus, se o conselho não for certo. Em bate papo com diversos líderes e ouvindo muitas pregações, vemos como alguns líderes usam a graça e o amor de Deus

como uma desculpa à Sua desobediência. A graça não vem por merecimento próprio, ela nos cobre, mas não da maneira como estamos aprendendo.

Esta falta de equilíbrio penetrou tão forte em nossa maneira de pensar

que sentimo-nos livres para desobedecer a Deus sempre que nos for conveniente. Alimentamos a ideia de que Deus encobre nossa desobediência. Afinal, Deus nos ama e sabe como vivemos ocupados com a Sua obra e Ele quer manter-nos alegres a qual-



quer custo! Certo? Dizemos a nós que não é assim, que não pensamos desta maneira, mas é assim mesmo que vivemos!

A graça de Deus não é meramente um tapa-buraco, claro, ela encobre, mas vai muito mais além

disto; ela nos capacita, dando-nos poder para viver uma vida de obediência.

A graça não é meramente uma proteção. Veja o padrão que Deus procura na vida dos fiéis. Jesus disse: *“Ouvistes que foi dito aos antigos... eu, porém, vos digo”* (Mt 5.21,22). Este padrão foi citado por Jesus outras cinco vezes no resto do capítulo. Primeiro, ele citou as exigências da lei de Moisés: *“ouvistes o que foi dito”*. Daí, Ele introduz o que Deus espera do crente sob a nova aliança: *“Eu, porém, vos digo”*.

Com estas palavras, o Senhor fez um contraste entre a lei mosaica com a graça e a verdade. *“Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram Por meio de Jesus Cristo”* (Jo 1.17). Esta é a razão de ter dito: *“Eu, porém, vos digo”*. Ele introduziu a dimensão que a graça teria sobre a lei. A lei era um impedimento externo, enquanto a graça uma transformação interna. Frequentemente, ouvimos crentes e pastores lamentando as duras exigências da lei, expressando que agora, sob a graça, estão livres para viver um outro estilo de vida. Bem, também exultamos por não estarmos mais sob a lei, mas o padrão de Deus

não diminuiu sob a graça, ao contrário a graça elevou o padrão. (Veja com mais detalhes sobre este tema, que a graça não anulou a lei, mas a ampliou, no Livro *“Constituição do Reino dos Céus”*, do Miss. Sérgio Affonso, da página 80 até a 123).

Fomos enganados e levados a crer que se pode entrar no reino de Deus com iniquidade no coração. Não é assim que somos levados a crer? Somos tentados a ver a graça de Deus como uma forma de encobrir coisas. Se a graça fosse apenas um tapa-buraco, Jesus teria contraditado a própria graça que veio conceder. Isto não é verdade, pois em Tito 2.11,12, encontramos o seguinte: *“Pois Deus revelou a sua graça para dar a salvação a todos. Essa graça nos ensina a abandonarmos a descrença e as paixões mundanas e a vivermos neste mundo uma vida prudente, correta e dedicada a Deus,”*. (NTLH)

A graça é a habilidade de vivermos livres da iniquidade e das paixões humanas.

Na realidade, é a capacidade de vivermos um estilo de vida de obediência. As paixões carnis são a evidência externa de um coração que vive em deso-

bediência. “Fiquem certos disto: jamais receberá uma parte no Reino de Cristo e de Deus qualquer pessoa que seja imoral, indecente ou cobiçosa (pois a cobiça é um tipo de idolatria). Não deixem que ninguém engane vocês com conversas tolas, pois é por causa dessas coisas que o castigo de Deus cairá sobre os que não obedecem a ele”. (Ef 5.5,6 NTLH) Paulo diz que o pecado cometido é fruto de um coração desobediente. As manifestações do coração de Caim foram: ira, ciúmes e ódio. A raiz de tudo, entretanto, estava na desobediência à autoridade de Deus.

Salvos pela graça

O escritor aos Hebreus nos exorta: “...retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor” (Hb 12.28). A graça é a força que nos capacita a servir a Deus de forma a agradá-lo. Esta é a prova de nossa salvação,

Aprendemos que Jesus “a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tt 2.14)

Alguns argumentam contradizendo, mas a Bíblia diz que: “é pela graça que somos salvos e não por obras. É dom de Deus” (Ef 2.8,9) E isto é verdadeiro! E impossível viver uma vida digna de entrar no reino de Deus baseada em nossas obras, pois todos pecamos e nos distanciamos dos padrões de Deus (Rm 3.23) Ninguém poderá apresentar-se cheio de boas obras diante de Deus querendo, com isto, o direito de entrada no reino de Deus. Todos transgredimos e, portanto, mereceríamos queimar eternamente no lago de fogo.

A solução à esta deficiência é a salvação através de Sua graça. Um dom não se ganha por merecimento. Romanos 4.4 diz que “ao que trabalha, o salário não é considerado como

favor, e, sim, como dívida”, se trabalha para conseguir, já não é a graça que opera. Ainda que tente ganhá-la, nunca viverá o suficiente bem para obtê-la. Você pode gastar sua vida fazendo boas obras, sacrificando-se em prol das pessoas e, mesmo assim, nunca ganhará esta graça. E um dom e só pode ser-nos concedido através de Jesus Cristo.

Fracassamos, contudo, quando deixamos de enfatizar **o poder desta graça não apenas como força redentora, mas como algo que nos habilita a viver a vida cristã de maneira diferente.** A Palavra de Deus declara: “Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. Mas alguém dirá: Tu tens fé e eu tenho as obras; mostra-me esta tua fé sem as obras, e eu, com as obras te mostrarei a minha fé” (Tg 2.17, 18).

Compilado do livro “Feche a porta na cara do diabo” de John Bevere



A Google Doodle celebrating the World's Largest Ice Cream Social. The word "Google" is rendered in its signature multi-colored font. The letter 'o' is replaced by a yellow cartoon character holding a large red spoon with a black triangle on it. The letter 'l' is replaced by a blue cartoon character. The letter 'e' is replaced by a green exclamation mark. The letter 'g' is replaced by a red cartoon character holding a large red spoon and a book titled "Ice Cream Social" which shows a picture of ice cream. The background is white.

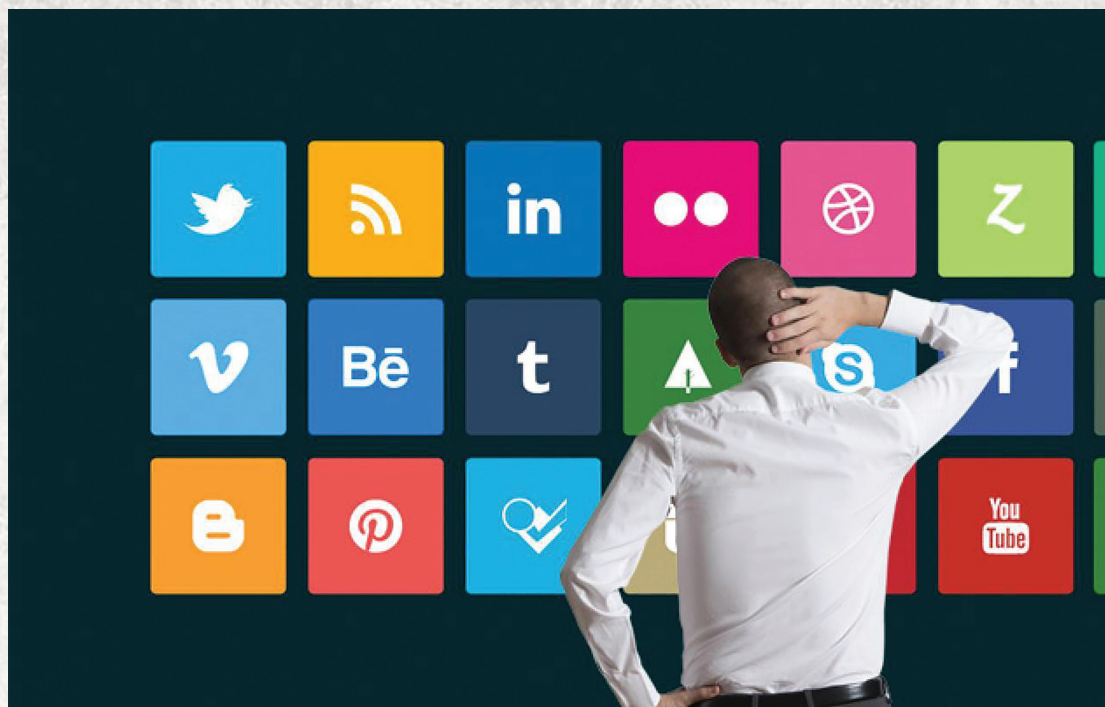
Qual é o pastor que está no ministério há anos e nunca viveu uma situação como essa: Folhear a bíblia toda e não encontrar uma mensagem sequer para pregar naquele dia? Antigamente ficaríamos desesperados, oraríamos com mais fervor, pediríamos perdão dos pecados, indagaríamos se havia alguma coisa errada conosco.

Também sabemos que a internet pode ser uma ferramenta muito útil quando utilizada para pesquisa sobre determinado tema, palavra, termo. Tomando os devidos cuidados, é claro!

Ele estava preparan-

Foi quando ele lembrou que tinha visto algumas ilustrações num livro, falando sobre perdão (as ilustrações mostravam uma pessoa acorrentada a outra pela falta de perdão). Mas havia um problema, ele não se lembrava em que livro ele havia visto as ilustrações.

Então ele apelou para o Google (como a maioria de nós), como não lembrava qual o nome do li-



vro, digitou na busca as palavras: “falta de perdão”, “acorrentado”, “preso”. Imaginando que poderia aparecer alguma informação do livro ou até mesmo as ilustrações que ele buscava. Logo apareceu uma lista longa de respostas e na primeira opção apareceu um arquivo em PPT (Powerpoint) sobre perdão.

Ele abriu o arquivo para ver se havia as ilustrações que buscava, mas para surpresa sua havia telas com informações sobre os efeitos do perdão na saúde física e emocional (com dados médicos), versículos bíblicos sobre perdão, frases lindas sobre

o amor.

Tudo ali prontinho, e por sinal, as argumentações e ilustrações muito melhores daquelas que ele havia preparado anteriormente (alguém diria: Aleluia! Isso é de Deus!)

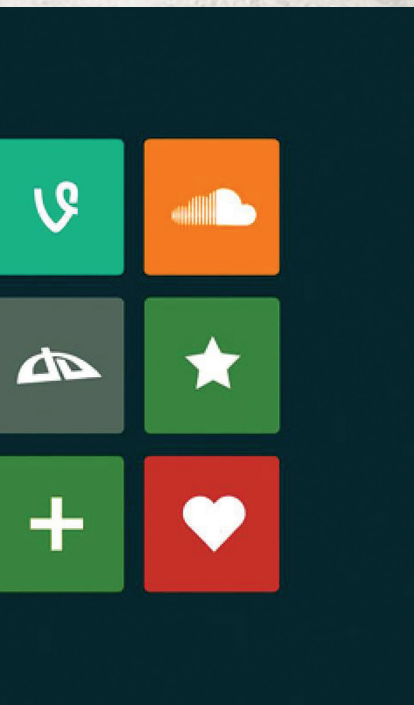
Ele foi lendo as frases, acreditando que tudo ali estava perfeito, frase por frase, apoiadas por versículos bíblicos. Quando se deparou com uma linda frase sobre perdão. Ele não a conhecia, mas complementava todo o argumento do estudo. Vou descrevê-la aqui: “Esquecer o mal é aniquilá-lo, e perdoar para quem o pratica é ensinar o amor, conquistando afeições sence-

ras e preciosas”.

Mas como é um homem de Deus e sensível à voz do Espírito, percebeu que algo estava errado, estava uma sensação estranha. Não na frase, pois a argumentação era correta, mas no seu espírito.

Então resolver pesquisar a frase e *para sua surpresa a frase havia sido PSICOGRAFADA pelo espírito Emmanuel através do médium Chico Xavier*. Isso mesmo! Um demônio havia ditado essa frase! Refeito do susto resolveu pesquisar também a fonte do PPT. Mais uma surpresa. Era uma publicação espírita!

Essa situação que



esse pastor viveu nos serve de alerta, sobre o que trazemos para as nossas pregações. Qual é a nossa fonte, quem é a nossa referência.

Outra situação comum em nossas igrejas é a indicação de vídeos motivacionais, até mesmo pregações que se multiplicam no Youtube.

Alguém pode dizer: “isso não tem problema nenhum, eu também posto vídeos na internet!”. Verdade, todos nós já postamos algo na internet ou postaram alguma pregação nossa.

O problema é quando indicamos alguma mensagem para nossos

discípulos, ou até mesmo postamos em nossas redes sociais. Isso de certa forma cria na mente daqueles a quem cuidamos, que esses “pregadores” sempre dizem o que é correto.

Há alguns anos um pastor teve um grande problema por causa disso. Ele permitiu que um líder de sua igreja postasse no grupo do Whatsapp, um vídeo de determinado pregador, que tem uma grande quantidade de seguidores no Youtube.

Passado alguns meses ele percebeu que os liderados desse líder não queriam mais participar da Santa Ceia de Líderes, das Celebrações na Sede daquele Campo, de qualquer evento ou convocação feita pelo ministério.

Um obreiro também alertou esse pastor: “O fulano de tal (líder) está falando tudo ao contrário do que cremos. Está pregando contra díizimos e ofertas, contra células, campanhas na igreja e etc”.

O pastor ficou chocado, pois esse líder era alguém de sua inteira confiança. Então resolveu prestar mais atenção. Olhou o grupo desse líder no Whatsapp e viu que ele postou diversos vídeos desse “pregador” (que o pastor havia permitido anteriormente). Então descobriu que toda a confusão

e heresias que aquele líder trouxe para a igreja eram apenas repetições das pregações daquele “pregador” do Youtube.

Infelizmente o estrago já estava feito. Quando o pastor confrontou esse líder (acompanhado pelo supervisor da igreja) o líder se rebelou mais ainda. Confrontou o pastor e a situação ficou insustentável. Aquele líder havia se tornado um “discípulo virtual” (se é que existe isso) daquele “pregador”. Todo seu argumento era uma repetição daquele “pregador youtuber”.

Em resumo, aquele líder saiu da igreja e levou dezenas de outros com ele, e continuou a falar mal do ministério, do pastor e dos irmãos que ficaram. Mandava vídeos desse “pregador” para os irmãos da igreja, questionando o ministério.

Eu não estou aqui levantando uma “guerra santa” contra a internet e seus sites, mas faço um alerta. Cuidado com o que usamos como referência para nossos discípulos. Cuidado com as “fontes” onde bebemos. Cuidado com aquilo que aprovamos sem conhecer bem.

Nadabe e Abiú levaram “apenas” um fogo que não foi tirado do Altar, e isso custou seus ministérios e suas vidas!

TÁ MORN

Quando a igreja deixa de depender exclusivamente do Espírito Santo e começa a trazer métodos, linguagens, abordagens e filosofias contrárias a Palavra de Deus, ela fica contaminada.

Contaminado - Origem latin. contaminātus, “manchado, maculado, impuro”. Acometido por infecção ou doença infecciosa; que contém germes infecciosos; em que ocorre uma doença contagiosa; infectado; que se tornou poluído; que se corrompeu, se perverteu.

Para entendermos melhor esse assunto, buscamos as palavras de Jesus no Apocalipse. A mensagem de Jesus à Igreja nos últimos dias “O livro de Apocalipse” contém uma mensagem às sete igrejas históricas. O uso destas mensagens não é limitado à essas igrejas, caso contrário, não seriam incluídas na Escritura. Cada mensagem tem uma aplicação histórica e profética. Muitos teólogos admitem que as sete cartas se referem aos nossos dias e aos dias futuros. Ainda

que não saibamos o dia e a hora do seu retorno, Jesus disse que saberíamos a época. Muitos creem que vivemos na época do seu retorno. Assim, a última mensagem, Laodiceia, profeticamente seria aplicada a nós. Note, primeiramente, que a carta não foi escrita para a cidade de Laodiceia, mas à Igreja daquela cidade. Fixe-se nesta verdade enquanto você lê. “Ao anjo da igreja em Laodiceia...”.

Muitas vezes queremos ouvir apenas as coisas maravilhosas e boas negligenciando a verdade que tanto precisamos. O Senhor Jesus edifica e conforta, mas não à custa da verdade. Ele ama e perdoa, mas também disciplina e corrige. Veja estas palavras: “*Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente*” (Ap 3.15). Observe bem, Ele diz obras e, não, intenções. O caminho para o inferno é pavimentado de boas intenções. Como sabia Ele do estado daquela igreja? Pelas obras ou ações. A ação daqueles que são frios é desobediência gritante aos olhos de Deus. Fingem ser uma coi-

sa, sendo outra. Estão perdidos e disto sabem muito bem. Sabem que não estão servindo a Deus e servem a outros deuses: o dinheiro, os negócios e a si mes-

INHO AÍ?



mos. Vivem pelo prazer do momento na orgia e na aruaça. Esta é a vida de um pecador ou de um desviado assumido.

Por outro lado, aque-

les que são quentes, são consumidos por viver para Deus; Ele os cerca por dentro e por fora, Tais pessoas têm prazer em obedecer a Deus. Sabem, também, de

sua verdadeira condição.

Jesus advertiu à esta última igreja que sua condição não era nem quente nem fria. Agora, veja esta declaração: “*Quem dera*

“

***As pessoas
mornas se adaptam
ao ambiente.
Quando estão ao
lado de gente
obediente, pegam
um pouquinho do seu
sabor.***

”

fosses frio, ou quente!” (Ap 3.15). Esta declaração nos deixa intrigados. Por que diria Jesus a uma igreja que preferia que ela fosse ou fria ou quente? Por que não disse que gostaria que fossem somente quentes? Ele poderia ter dito: “Gostaria que fosses quente”. Obviamente que o estado em que viviam (em algum ponto entre o frio e quente), era mais desagradável a Deus do que ser apenas frio.

Como pode um pecador ou um desviado assumido estar em melhor posição do que os assim chamados crentes? Ele responde a esta pergunta, quando diz: “Assim, por-

que és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca” (Ap 3.16). O que é ser morno? E algo que não está suficientemente quente para ser considerado quente, nem tão pouco frio para ser considerado frio. Morno, é o resultado da mistura de algo quente com algo frio. Tem calor suficiente por ter-se misturado sorrateiramente com o quente, e frio suficiente para passar despercebido por frio.

As pessoas mornas se adaptam ao ambiente. Quando estão ao lado de gente obediente, pegam um pouquinho do seu sabor. São pessoas que conhecem a Bíblia, cantam hinos, usam um linguajar evangélico e seguem os mesmos clichês. Quando se voltam para o mundo, pegam o sabor do mundo. Podem não fumar nem beber, mas se comportam como mundanos: são egoístas. Obedecem a Deus quando é agradável ou quando tem algum interesse pessoal. Na realidade, são pessoas motivadas por desejos pessoais.

Jesus disse: “estou a ponto de vomitar-te da minha boca”. Por que Jesus escolheu esta analogia? Para obter a resposta, precisamos saber por que uma pessoa vomita. Quando comemos algo estraga-

do, após alguns minutos começamos a passar mal e em breve nosso organismo vai tentar colocar tudo para fora (vomitar). Vomitamos aquilo que o nosso corpo assimila.

Jesus está dizendo: “Vou vomitar para fora do meu corpo aqueles que dizem que me pertencem, mas não são meus”. As pessoas “frias” não são enganadas. As “quentes” também, mas as pessoas mornas são pessoas vítimas do engano. Achem que são uma coisa, quando na realidade são outra bem diferente.

É por isso que o juízo de Deus sobre tais pessoas será mais severo do que para um pecador. O pecador, pelo menos, sabe que não serve a Deus, mas as pessoas mornas, acham que servem a Deus. Confessem que são salvas pela graça, quando na realidade caíram pela própria graça que confessam (Hb 12.15).

Este tipo de gente é a mais difícil de ser alcançada. As pessoas que acham que são salvas não veem necessidade de salvação. E por isto que Jesus entra em detalhe a respeito da verdadeira condição desta gente: “Pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego

e nu” (Ap 3.17).

Sem dúvida, creem estar salvas, seguras e a caminho do céu! Por que arrepender-se? Se dizem nascidos de novo, mas a vida que viviam negava tal afirmação. Por amá-los tanto é que Jesus coloca o dedo na moleira deles: vocês estão sendo enganados. *“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor”.*

Nem todos os que dizem ser salvos pela graça, o são de fato. O verdadeiro crente não é conhecido por aquilo que confessa; é reconhecido pelos frutos da obediência. “Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7.20,21).

A Bíblia Viva trás este texto da seguinte maneira: *“Sim, o meio de identificar uma árvore, ou uma pessoa é pela qualidade do fruto que dá. Nem todos os que falam como gente religiosa são realmente assim. Tais pessoas podem referir-se a Mim como ‘Senhor’, porém, apesar disso, não entrarão no céu. Porque a questão decisiva é se elas obedecem ao meu Pai do céu, ou não”.*

Disse mais Jesus: *“Muitos naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura não temos nós profetizado em teu*

nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7.22,23).

Na linguagem da Bíblia Viva: “No juízo, muitos me dirão: ‘Senhor, Senhor, nós falamos aos outros a seu respeito, e usamos o seu nome para expulsar demônios, e para fazer muitos outros grandes milagres’. Mas eu responderei: ‘Vocês nunca foram meus. Vão embora, porque as suas obras são más’”.

Estas palavras não são inventadas por nós. Não é nada agradável pensar que há muitos irmãos aos quais ser-lhes-á negada a entrada no reino dos céus, muitos dos quais expulsam demônios e realizam milagres em Seu nome.

As pessoas que faziam milagres em nome de Jesus certamente já haviam sido salvas há algum tempo. Pessoas que nunca professaram crer no nome de Jesus não poderiam operar no sobrenatural em Seu nome. Temos em Atos o registro dos sete filhos de Ceva que usavam o nome de Jesus para expulsar demônios. Eles diziam: “Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega”. O espírito maligno lhes res-

pondeu: “Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” O texto acrescenta que aquele espírito maligno pulou sobre eles, dominou-os e eles tiraram a roupa fugindo desnudos e feridos (At 19.13-16).

Vemos, então, que pessoas não crentes não conseguem expulsar demônios no nome de Jesus, ainda que o tentem imitando os crentes. Isto reforça o fato de que no Evangelho de Mateus, Jesus estava falando das pessoas a quem foi-lhes negada a entrada nos céus, ainda que o tenham seguido durante certo tempo de suas vidas.

Judas estava ali ao lado de Jesus. Parecia amá-lo.

“

Não é nada agradável pensar que há muitos irmãos aos quais ser-lhes-á negada a entrada no reino dos céus, muitos dos quais expulsam demônios e realizam milagres em Seu nome.

”



Deixou tudo a fim de segui-Lo. Judas permaneceu ao lado de Jesus no ardor da batalha e nas ameaças de morte. Ele não abandonou a Jesus como outros discípulos o fizeram (Jo 6.66). Ele expulsou demônios, curou os enfermos e pregou o evangelho. *“Tendo Jesus convocado os doze (Judas estava junto), deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas. Também os enviou a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos”.* (Lc 9.1,2)

A motivação de Judas, contudo, não era correta desde o começo. Ele nunca se arrependeu de buscar os seus próprios interesses. Seu caráter foi revelado no dia em que procurou o sumo sacerdote, perguntando: *“Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei?”* (Mt 26.15). Ele mentiu e bajulou procurando ter vantagens (Mt 26.25). Durante todo o tempo em que andou com Jesus, e por ser o tesoureiro, usou o di-

nheiro do ministério de Jesus para seu uso pessoal (Jo 12.4-6). Judas nunca conheceu intimamente o Senhor Jesus, embora estivesse com Ele por três anos e meio.

Tem gente que é como Judas: sacrifica-se no ministério, prega o evangelho, possivelmente opera nos dons de Deus, mas não conhece a Jesus de forma íntima. Todo o labor é estimulado por desejos de promoção pessoal. *“Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?”* (Lc 6.46).

Não nos leve a mal. O desejo de nosso coração é que a Igreja do Senhor seja despertada. Vivemos dias maus, de indolência, graça barata, futilidades, consumismo, e como servos de Deus temos o compromisso de ensinar, de corrigir em amor.

Os obreiros são chamados não apenas para alimentar o rebanho, mas também para protegê-lo,

alertando-o sobre os laços do inimigo. Muitos pastores não alertam o rebanho por pensarem que estarão pregando negativamente. Mas é bem ao contrário, mas uma mensagem preventiva pode salvar muitas vidas e até mesmo congregações inteiras!

Jesus não está voltando para uma noiva morna, que vive fornicando com o mundo. Ele está voltando ao encontro de uma noiva consagrada, sem manchas ou rugas. Você se casaria com alguém que lhe dissesse: “Serei fiel a você 364 dias do ano, e tudo o que quero é apenas um dia para dormir com meus antigos amores”.

Claro que não! Nem tão pouco Jesus. Ele não virá para uma noiva que reservou uma parte do tempo para o amor antigo. Não se engane, não se deixe contaminar pela sutileza da desobediência. Seja quente!

UMA NOVA OBRA DO ESPÍRITO SANTO?

Nossa igreja foi gerada através de muita oração e trabalho duro. De casa em casa, cultos nos lares, reuniões de oração (na igreja, nas casas, no monte e até mesmo nas ruas), campanhas, e assim chegamos a milhares de igrejas e pastores.

Não tínhamos uma estrutura na igreja ou até mesmo nos cultos. Mas isso não impediu nosso crescimento exponencial

em poucos anos.

Se alguém nos perguntasse o segredo de nosso crescimento, desde o Apóstolo Doriel, até o mais novo dos obreiros, todos responderiam em uníssono: "Oração!"

Não é que hoje não oramos, mas naquela época o único recurso era a oração, a dependência de Deus. Quando queríamos um culto avivado, "enfo-

guetado", oração. Queríamos as multidões nas campanhas, mais oração. Conversões, aumentávamos as orações. Milagres e sinais, então o recurso eram noites inteiras de oração (monte, vigília, pôrão).

Nossa falta de conhecimento teológico, esboço para pregação (a gente nem sabia o que era isso), som de qualidade, salões com estrutura para multi-

dões, e tantas outras coisas, nada disso impediu nosso crescimento.

Porque a nossa dependência sempre foi de Deus!

Sabemos que com o passar do tempo nos organizamos melhor, aprendemos muitas coisas boas para aplicar na igreja, utilizamos melhor a tecnologia (e isso tudo é muito bom), mas não podemos utilizar qualquer recurso, seja ele qual for, em substituição da presença de Deus em nossos cultos (o “fogo” precisa vir de Deus).

A nova geração de líderes e pastores estão sendo formados em Universidades, alguns são mestres, teólogos, doutores, e isso é maravilhoso. A nossa igreja está avançando, se adaptando aos tempos modernos, tentando impactar a nova geração que é muito exigente, e que não engole “qualquer coisa”. Esse avanço em nossas igrejas é fantástico!

Parafraseando nosso querido Apóstolo Doriel: “Isso é de Deus, irmão!”. Mas não podemos nos esquecer dos rudimentos da fé, dos pilares que formaram nossa igreja (não estamos falando de doutrinas ou costumes), estamos falando de oração e palavra de Deus.

Nossa preocupação é que se invertam as prioridades e invista-se muitos

recursos e tempo, em ferramentas para “entreter” nossos crentes (para que eles não saiam da igreja), e pouco investimento em nossa presença na Sala do Trono e em recursos utilizados para alcançar os perdidos.

Temos um exemplo na igreja primitiva de como pastores e líderes devem separar o essencial, do que é necessário.

“Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às

mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra.” Atos 6.1-4

Queridos, de forma alguma queremos aqui desmotivá-los a trabalhar por uma igreja contemporânea, que alcance as mais diferentes pessoas com o amor de Deus. Queremos sim, é incentivá-los a alcançar os perdidos, edificar os salvos, formar discípulos, crescer e multiplicar. Mas com total dependência do Espírito Santo e baseado nas Sagradas Escrituras, senão seremos apenas mais uma religião de sucesso, e não a Igreja de Cristo!



IGREJA INCLUSIVA SEGUNDO A BÍBLIA SAGRADA



Em tempos modernos somos obrigados a aceitar todo tipo de gente no ministério? Fruto do Espírito, santidade, cruz, estão ultrapassados? Amar significa aceitar tudo?

A sociedade moderna quer nos empurrar “goela abaixo” seus valores e pensamentos, alegando que Jesus não falou nada sobre homossexualismo, e que Sua tônica sempre foi o amor. Que o Senhor Je-

sus “aceitou” a prostituta e não a condenou, que Ele andou com pessoas de má fama, e etc. Esquecem-se, porém, que o Senhor disse à mulher que não voltasse a praticar aquele pecado, e quando ele andava com pessoas de má fama, o fazia para transformá-los, não por concordar com o erro deles!

Mas o que gostaríamos de destacar nessa matéria é o crescimento de deno-

minações evangélicas que aceitam o homossexualismo em suas fileiras com a alegação que a igreja de Cristo é uma “igreja inclusiva”, que há lugar para todos adorarem e servirem a Deus, independente de sua “opção sexual” ou sua “teologia pós-moderna”.

No que diz respeito às relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, o que as Sagradas Escrituras nos falam sobre isso? Qual

deveria ser a atitude dos cristãos a respeito desse assunto? Para responder a essas questões, *vamos começar com a constatação de que existem muitas passagens nas Escrituras que se referem ao relacionamento sexual que, biblicamente, é padrão, normal, aceitável e ordenado por Deus: o casamento monogâmico heterossexual.* Veremos algumas referências como exemplo: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos” (Gn 1.27-28); “Não tendes lido que o Criador, desde o princípio,

os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?” (Mateus 19.4-5); “Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher; mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido.” (I Coríntios 7.1-2); “Alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher.” (Tito 1.6)

“O relacionamento de Cristo com a Igreja, que só ficou claro com a vinda do próprio Messias, estabelece de forma final e definitiva o padrão divino para o casamento, ou seja, heterossexual e monogâmico (cf. Ef 5). Portanto, *a Bíblia só deixa duas opções para os cristãos: casamento monogâmico heterossexual ou vida celibatária.* As relações entre pessoas do mesmo sexo são vistas não como prática alternativa, mas como conduta abominável, pecaminosa e antinatural.” (Pastor Augustus Nicodemos)

O que levou a destruição de Sodoma e Gomorra? A bíblia declara que foi a prática homossexual de seus habitantes (Gn 18.20; 19.5), e também alguns pecados na área social (Ez 16.48-50). O que aconteceu com Sodoma tornou-



-se referência do castigo de Deus contra a perversão sexual (II Pe 2.6; Jd 7). Considerava-se um pecado grave (abominação) um homem ter relação sexual com outro, como se fosse com mulher (Lv 18.22). A prostituição cultural, que incluía a prática homossexual, era proibida em Israel (Dt 23.17; 14.24).

Em romanos 1.24 a 27, o Apóstolo Paulo descreve como Deus age contra a humanidade, que negligenciou sua revelação,

“
O que levou a destruição de Sodoma e Gomorra? A bíblia declara que foi a prática homossexual de seus habitantes.

”



Paulo inclui a entrega judicial, por parte de Deus, dos homens às paixões infames, a saber, o lesbianismo e a homossexualidade, classificados pelo apóstolo como imundícia, desonra, torpeza, erro e prática contrária à natureza (Rm 1.24-27). Numa das cartas que enviou aos coríntios, Paulo inclui os efeminados e os sodomitas entre aqueles que não haverão de herdar o reino de Deus (I Co 6.9-10). Ele repete isso ao escrever a Timó-

teo, afirmando que os sodomitas figuram entre os que estão debaixo da lei de Deus e serão por ela punidos (I Tm 1.9-10).

Esses textos bíblicos deixam claro que não é possível usar a Bíblia para minimizar ou neutralizar essa prática como ato pecaminoso. Também não é possível utilizar as Escrituras para justificar o estilo homossexual de vida, como tentam fazer os defensores da chamada teologia inclusiva, cujos argumentos têm pouca ou nenhuma sustentação exegética, teológica ou hermenêutica. A teologia inclusiva alega que Deus é amor e que, para ele, o que importa é que haja amor nas relações humanas, sejam elas quais forem. Assim, se há amor genuíno entre dois homens ou duas mulheres, isso valida suas relações sexuais.

É claro que a Bíblia nos ensina que Deus é amor, mas também diz que o Senhor é santo e que a sua vontade quanto à sexualidade humana é que essa se expresse dentro do casamento entre homem e mulher, sendo condenadas as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Os adeptos dessa corrente de pensamento defendem que as condenações à homossexualidade encontradas em Levítico se referem

somente às relações sexuais praticadas em conexão com os cultos idolátricos e pagãos das nações vizinhas de Israel.

Ele também declaram que tais proibições acompanham o mandado pelo qual os israelitas deviam se abster de comer sangue ou carne de porco, ou seja, fazem parte de um regulamento ultrapassado, que não tem mais validade para os cristãos. Defendem ainda que a prova de que a homossexualidade era censurada por motivos culturais e cerimoniais, era o fato de ser punida com pena de morte por apedrejamento, coisa que não se admite a partir do Novo Testamento.

Nos cultos pagãos dos cananeus havia relações homossexuais, mas não eram exclusividade pagã. E evidente, porém, que a condenação da prática homossexual transcende os limites culturais e cerimoniais, pois é reiterada no Novo Testamento. Ela faz parte da lei moral de Deus, válida em todas as épocas e para todas as culturas. ***A morte de Cristo aboliu as leis cerimoniais, como a proibição de ingerir determinados alimentos, mas não a lei moral, que expressa a vontade eterna de Deus para a sexualidade humana.***

Quanto ao apedreja-

mento, ainda que o Novo Testamento tenha abolido a pena de morte, os pecados outrora punidos dessa forma continuam sendo considerados pecados. E o caso, por exemplo, do adultério e da insistente desobediência aos pais. Outro argumento é que Jesus Cristo nunca falou contra a homossexualidade. Em compensação, falou bastante contra a hipocrisia, o adultério, a incredulidade, a avareza e outros pecados tolerados pelos cristãos. Sabe-se, todavia, que a razão pela qual Jesus não falou sobre práticas homossexuais é que estas não representavam um problema na

sociedade judaica de sua época, que já tinha como padrão o comportamento heterossexual.

Não podemos dizer que não havia judeus homossexuais na época de Jesus, mas é seguro afirmar que não assumiam publicamente essa conduta. A homossexualidade não era um problema na Palestina naqueles dias. Entretanto, quando a Igreja entrou no mundo gentílico, onde as práticas homossexuais eram toleradas, os autores bíblicos as incluíram nas listas de pecados contra Deus. No entendimento cristão, Paulo e os demais autores bíblicos escreveram sob inspiração do Espírito Santo enviado por Jesus Cristo. Portanto, suas palavras são igualmente normativas para a Igreja.

A teologia inclusiva alega também que o pecado de Sodoma e Gomorra não foi a homossexualidade, mas a falta de hospitalidade para com os visitantes de Ló (Gn 19.1-5). A base para essa afirmação é o fato de o original hebraico de Gênesis 19.5 dizer que os homens de Sodoma queriam conhecer os hóspedes de Ló, e não abusar deles ou ter sexo com eles, como é traduzido em várias versões. Porém, uma simples análise das palavras origi-

nais em seus respectivos contextos revela que o termo hebraico yadah, usado para dizer que os homens de Sodoma queriam “conhecer” os hóspedes de Ló, é o mesmo termo que o próprio Ló usa para informar, no versículo 8, que suas filhas, por ele oferecidas como alternativa, eram virgens: “Elas nunca conheceram (yadah) homem”. E evidente, então, que “conhecer” os hóspedes de Ló significava ter relações sexuais com eles.

Filo, um autor judeu do primeiro século, em sua obra sobre a vida de Abraão, afirma que os homens de Sodoma se acostumaram gradativamente a ser tratados como mulheres. Ainda sobre o pecado de Sodoma, alguns teólogos da vertente inclusiva argumentam que o profeta Ezequiel deixou claro que se tratava da soberba e da falta de amparo ao pobre e ao necessitado (Ez 16.49). Contudo, muito antes de Ezequiel, o sodomita era listado juntamente com a prostituta na lei de Moisés: o salário de ambos, ganho com a imoralidade sexual, não deveria ser recebido como oferta a Deus (Dt 23.18).

Além do mais, quando contextualizamos a declaração de Ezequiel, percebemos que a soberba e a falta de caridade eram

“
*Não podemos
dizer que não havia
judeus homossexuais
na época de Jesus,
mas é seguro afirmar
que não assumiam
publicamente essa
conduta.*

”

“

Alguns defensores da teologia inclusiva chegam a categorizar o relacionamento entre Jesus e João como homoafetivo, pois João, sendo o discípulo amado de Jesus, certa vez reclinou a cabeça no peito do Mestre.

”

apenas parte dos muitos outros pecados dos sodomitas. O profeta menciona as abominações dos sodomitas, as quais foram a causa final de sua destruição: “Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e próspera tranquilidade teve ela e suas filhas, mas nunca amparou o pobre e o necessitado. Foram arrogantes e fizeram abominações diante de mim; pelo que, em vendo isto, as removi dali” Ezequiel 16.49-50.

A teologia inclusiva sustenta, ainda, que o texto bíblico abriga casos de amor homossexual, sendo a relação de Davi e Jônatas

o mais expressivo deles. A passagem a que se referem os seguidores dessa teologia é aquela em que Davi diz sentir um amor excepcional por Jônatas, “ultrapassando o amor de mulheres” (II Sm 1.26). Contudo, qualquer leitor da Bíblia sabe que o maior problema pessoal de Davi era a falta de domínio próprio quanto à atração por mulheres. Foi isso que o levou a se casar com muitas delas e finalmente a adular com Bate-Seba, a mulher de Urias (cf. I Sm 18.27; 25.42-43; II Sm 3.2-5; 11.1-27). Seu amor por Jônatas nada mais era que a amizade intensa que pode existir entre duas pessoas do mesmo sexo, sem nenhuma conotação erótica.

Alguns defensores da teologia inclusiva chegam a categorizar o relacionamento entre Jesus e João como homoafetivo, pois João, sendo o discípulo amado de Jesus, certa vez reclinou a cabeça no peito do Mestre (Jo 13.25). Aquilo que na cultura oriental era uma demonstração de amizade varonil acaba sendo interpretado como um relacionamento homoafetivo, só porque algumas pessoas não conseguem enxergar amizade pura e sincera entre pessoas do mesmo sexo sem lhe atribuir caráter sexual.

Além dessas alegações, os adeptos da teologia da inclusão tentam reinterpretar as passagens do apóstolo Paulo contra a prática homossexual, afirmando que ele apenas repetiu a proibição de Levítico contra a prostituição cultural, tanto de homens como de mulheres, proibição essa que não se aplicaria fora do contexto do culto idólatrico e pagão. Todavia, basta que se leia o texto aos romanos para esclarecer o que Paulo de fato condenava: “Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro”. Romanos 1.26-27

Não há a menor menção à idolatria ou ao culto a falsos deuses aqui. Paulo quis dizer o que o texto quer dizer. Ao se referir ao lesbianismo como pecado, o autor deixa claro que está tratando de todas as relações homossexuais, entre homens ou mulheres, e não apenas da pederastia — alegação de alguns visto

que esta só pode acontecer entre homens. Alega-se também que em I Coríntios 6.9 os termos “efeminados” e “sodomitas” não são referências aos homossexuais, mas a pessoas de caráter moral fraco (malakoi, pessoa “suave”) e que praticam a imoralidade em geral (arsenokoitai, palavra que teria sido inventada por Paulo).

Todavia, se é esse o sentido, o que significam os termos “impuros” e “adúlteros”, que aparecem na mesma lista? Por que Paulo repetiria esses conceitos? Na verdade, “efeminado” se refere ao que toma a posição passiva no ato homossexual, esse é o sentido do termo na literatura grega da época, e “sodomita” é referência ao homem que deseja ter coito com outro homem.

Eis outra tentativa de justificar essa condenável teologia: hoje, muitas igrejas cristãs históricas já aceitam a prática homossexual como normal e, com isso, homossexuais praticantes, homens e mulheres, são recebidos não somente como membros ativos dessas igrejas, mas também como pastores e pastoras. Tais igrejas igualmente defendem e aceitam a união civil e o casamento de homossexuais. Contudo, é preciso observar que a aceitação da

prática homossexual por parte dessas instituições só aconteceu depois de um longo processo de rejeição da inspiração, da infalibilidade e da autoridade da Bíblia.

Uma vez que adotaram o método histórico-crítico, que por definição admite que a Bíblia é condicionada culturalmente e que reflete os erros e os preconceitos da época de seus autores, a aceitação da prática homossexual foi apenas um passo previsível e outros ainda virão. Entretanto, aos cristãos que recebem a Bíblia como a infalível e inerrante Palavra de Deus, só faz sentido tratar a prática homossexual como uma das relações sexuais consideradas pecaminosas, a exemplo do adultério, da prostituição e da fornicação.

Contudo, é um erro pensar que a Bíblia encara a prática homossexual como o mais grave dos pecados. Na verdade, existe um pecado para o qual não há perdão, mas com certeza não se trata da homossexualidade. Trata-se da blasfêmia contra o Espírito Santo, que consiste em atribuir a Satanás o poder pelo qual Jesus Cristo realizou seus milagres e prodígios neste mundo (Mc 3.22-30).

Consequentemente, ***não é correto usar a Bíblia***

como base para considerar os homossexuais os piores dos pecadores, julgando estarem além da possibilidade de salvação e merecerem todo ódio e desprezo por parte da humanidade em geral e dos cristãos em particular. É lamentável e triste que isso tenha acontecido no passado e ainda aconteça hoje.

A mensagem da Bíblia é esta: “Todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Todos nós precisamos nos arrepender de nossos pecados e nos submeter a Jesus Cristo, o Salvador, pela fé, para recebermos o perdão dos pecados e a vida eterna. Lembremos ainda que os autores bíblicos sempre tratam da prática homossexual juntamente com outros pecados. O texto de Levítico proíbe, não somente as relações entre pessoas do mesmo sexo, como também o adultério, o incesto e a bestialidade, tudo isso no mesmo capítulo (Lv 20.10,13,16-17).

Quando Paulo relaciona os que não herdarão o reino de Deus, sodomitas e efeminados aparecem ao lado de idólatras, adúlteros, impuros, ladrões, avarentos, bêbados e maldizentes (I Co 6.9-10). E quando ele se refere ao lesbianismo e às relações entre homens como sendo torpeza e erro, logo em se-

guida fornece uma lista de outros pecados decorrentes do abandono judicial, da parte de Deus, dos homens às suas paixões: avareza, inveja, mentira, homicídio e calúnia, só para mencionar algumas (Rm 1.28-31).

Da mesma forma que nas igrejas cristãs havia adúlteros e prostitutas convertidos mediante a fé em Jesus Cristo, havia também efeminados e sodomitas na lista dos que foram perdoados e transformados (I Co 6.9-11). É imprescindível fazer aqui uma importante distinção. O que a Bíblia condena é a prática homossexual, e não a tentação a essa prática. Não é pecado ser tentado à homossexualidade, da mesma forma que não é pecado ser tentado ao adultério, desde que se resista a ele, claro.

As pessoas que sentem atração por outras do mesmo sexo ----- e também as que são inclinadas ao roubo, à prostituição, ao alcoolismo e outros pecados devem lembrar que tal desejo resulta da desordem moral que entrou na humanidade com a queda de Adão. Elas precisam saber, ainda, que podem receber graça e poder para resistir e vencer, em Cristo Jesus, o segundo Adão. Identificam-se várias causas para a atração por pessoas do

mesmo sexo, entre as quais as mais comumente citadas são: abuso sexual sofrido na infância, famílias disfuncionais, experiências negativas com pessoas do sexo oposto, promiscuidade, desejo de chocar os outros e até mesmo tendências genéticas ----- estas ainda sendo objeto de intensa polêmica. Todavia, do ponto de vista bíblico, a homossexualidade resulta da idolatria, da incredulidade e do abandono da glória de Deus por parte da raça humana, conforme Romanos 1.18-32. Portanto, para quem crê na Bíblia, não é possível justificar as práticas homossexuais sob a alegação de compulsão incontrollável e inevitável, embora os que sofrem com isso devam ser objeto de compaixão e ajuda da Igreja cristã.

É preciso considerar ainda que, se repudiamos toda manifestação de ódio, incluem-se as hostilizações contra homossexuais. Contudo, isso jamais deveria nos impedir de declarar, com sinceridade e respeito, nossa convicção bíblica de que a prática homossexual é pecaminosa e que, portanto, não podemos concordar com ela, nem com leis que a legitimam.

*Autoria do Pastor
Augustus Nicodemus Lopes*

Quando o povo de Israel saiu do Egito, Deus fez com eles uma aliança e deu-lhes mandamentos que cobriam as mais diversas áreas da vida. Por um lado, esses mandamentos eram expressão do amor de Deus, pois, se guardados, os mais beneficiados seriam eles mesmos; naturalmente temos que enxergar esses mandamentos à luz do contexto histórico da época, pois, se não o fizermos, certos mandamentos parecerão cruéis. Por outro lado, esses mandamentos tinham o propósito de mostrar ao homem sua necessidade da graça de Deus. O povo

de Israel tentaria guardar a lei, mas não conseguiria por um motivo: *“porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado”* (Rm 7.14). Ao tentar guardar a lei, o homem dava de cara com o pecado que o habita desde que nasce. Ele tem que chegar ao ponto de dizer “desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.24). É neste momento que o coração do homem está pronto para receber a graça salvadora de Deus. A graça é o dom gratuito de Deus em Cristo Jesus, é Deus trabalhando em fa-

vor do homem.

Junto com a aliança e os mandamentos, Deus ordenou que se fizesse o tabernáculo, uma tenda, cujos propósitos seriam a habitação de Deus no meio de Seu povo e o culto a Ele. O Deus que libertou Seu povo da escravidão e fez aliança com ele queria ser adorado. Ao ordenar a construção do tabernáculo, Deus falou a Moisés: *“Segundo tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis”* (Ex 25.9). Deus estava dizendo que o tabernáculo deveria ser construído rigorosa-



mente de acordo com o que Ele estava mostrando a Moisés. Aquela tenda era uma figura de realidades espirituais e, por isso, não deveria ser feita segundo o parecer humano. No trabalho de Deus, as coisas são feitas do jeito que Ele mostra em sua palavra; ela é a planta do nosso tabernáculo. Ali Deus mostrou como quer ser adorado e como quer que o sirvamos. A Bíblia é o trilho onde caminhamos firmemente se queremos agradar a Deus.

Algo digno de nota é que, apesar de termos todos os detalhes das medidas de cada móvel do tabernáculo e dos ambientes

dele, nos deparamos com um móvel que não tem medidas, o castiçal de sete lâmpadas (Ex 25.31-39). Ele era de ouro, e, junto com seus utensílios, pesava um talento (aproximadamente trinta e cinco quilos). Temos o peso, mas não as medidas. Creio que isso aponta para algo.

Muitas foram as obras escritas por autores renomados sobre o significado do tabernáculo e seus móveis. Se a própria Bíblia diz que tudo aquilo era uma alegoria (Hb 9.9), é importante buscarmos nela o seu significado. A maior parte dos estudiosos vê o castiçal de sete lâmpadas como

figura da obra do Espírito Santo de iluminar e dirigir o povo de Deus. Ele não tem medidas, primeiro, porque Deus não dá o Espírito por medida (Jo 3.34); mas, o fato de o castiçal não ter medidas também aponta para a realidade de que há certas coisas que não estão no manual, e que dependeremos da iluminação do Espírito Santo em nós. Explico.

Da mesma forma que o povo de Israel tinha seus mandamentos e ordenanças, nós também temos, não para nos salvarmos, mas porque somos salvos. Nesses mandamentos, somos orientados acerca dos

“

***Da mesma
forma que o povo de
Israel tinha seus
mandamentos e
ordenanças, nós
também temos, não
para nos salvarmos,
mas porque somos
salvos.***

”

mais diversos assuntos da vida. O livro de Provérbios e o sermão da montanha são exemplos disso. Ali temos orientações para os mais diversos aspectos da vida. Os Evangelhos mostram como Jesus, o verbo de Deus, se fez carne e habitou entre nós. Nos evangelhos aprendemos como Jesus tratava as mulheres, as crianças, os inimigos, os traidores, a família. Tudo o que Jesus ensinou em suas palavras, Ele viveu; então devemos ser imitadores d'Ele. Nas epístolas, temos exortações diretas para nós, que devem ser entendidas à luz de seus

contextos também. Enfim, temos palavras para nos orientar em quase tudo. Isso mesmo, quase!

A Bíblia não me diz onde devo morar, com quem vou me casar, que profissão devo seguir. Para algumas dessas coisas, basta usar o bom senso; para outras, abrir bem os olhos e ver. Quando a igreja começou, os cristãos tinham problemas com coisas ligadas à consciência e que não tinham mandamentos claros sobre elas; cristãos vindos do judaísmo achavam que não deveriam comer certas carnes que provavelmente eram oferecidas aos ídolos antes de serem colocadas nos açougues; cristãos vindos dos gentios não achavam isso; uns achavam que deveriam continuar guardando o sábadó, outros achavam que deveriam guardar o domingo, outros achavam iguais todos os dias. Para essas coisas que não tinham um mandamento específico, Paulo deixou claro que o princípio a seguir seria o do amor e acolhimento (Rm 14).

Perceba que essas coisas são periféricas, não essenciais à salvação. Porém são coisas com certo grau de importância para nossas vidas. A pergunta é o que fazer quando a Bíblia não nos deixa nenhum mandamento claro, ne-

nhuma medida, quanto a certo assunto?

Primeiramente, é bom frisarmos que isso foi preparado pelo próprio Deus para que fosse assim. Se a Bíblia cobrisse todos os aspectos da vida exaustivamente, que necessidade haveria de buscarmos a Ele e vivermos uma vida de constante comunhão?

No que diz respeito à obra de Deus, é no livro de Atos e nas epístolas que temos nossas bases. Ali encontramos princípios que não podem ser tocados. Se uma igreja se reunir para debater se homossexualismo é ou não pecado, por exemplo, ela já se perdeu, porque a palavra de Deus é clara sobre esse assunto; isso é inegociável. Podemos discutir como evangelizá-los, como amá-los, como tratá-los. Mas nunca colocar em questão o mandamento bíblico. Oração é outro princípio básico. Nada substitui a vida de oração da igreja coletivamente e do cristão individualmente. Qualquer suposta revelação ou prática que coloca em dúvida o valor da oração deve ser rejeitada. A pregação do evangelho é ponto central na obra de Deus. Sem pregação do evangelho não há igreja. Culto sem pregação bíblica não é culto. E a pregação deve ser teocêntrica, bíblica e cristocêntrica.

Pregação cujo homem está no centro é palestra. As músicas devem ser para levar o povo à adoração a Deus, mas também devem ser bíblicas, teocêntricas e cristocêntricas. Todas essas coisas têm base nas escrituras e devem ser mantidas sempre intocadas, junto com outras que o novo testamento deixam ordenanças claras.

Mas, se prestarmos atenção, principalmente no livro de Atos, veremos que há certas coisas para as quais não há muitos detalhes. Por exemplo, só na primeira pregação, no dia de pentecostes, quase três mil pessoas se converteram: Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas (At 2.41). Como foi o sistema que empregaram para batizar “naquele dia” quase três mil pessoas? Não sabemos. Após a cura do coxo de nascença, houve um acréscimo de mais cinco mil (At 4.4). Somados aos três mil, oito mil. Como se fazia um culto com oito mil pessoas sem qualquer aparelhagem de som? Nas casas, até que dá pra imaginar, mas, e no templo? E como eram os cultos? Como era a liturgia? Havia instrumentos? O que vinha primeiro, a palavra ou o louvor? Per-

cebe que não temos informações sobre isso no “manual”? Se não temos, o que devemos fazer?

Primeiramente, temos que entender que, só o fato de não termos detalhes sobre essas coisas já nos trazem algumas lições. O Deus que conhece o passado, o presente e o futuro sempre soube que há coisas que caberiam numa época, porém, não em outra; que cada geração deveria buscar direção e adaptação no que diz respeito a coisas que podem variar de acordo com o tempo e a cultura. Há certas coisas que, se ficassem registradas nas escrituras, pessoas iriam querer sacralizar independentemente de aquilo servir ao seu tempo. Quantos padres ainda rezam suas missas em latim, simplesmente pelo fato de que era a língua falada pela maioria dos cristãos da igreja primitiva. Para eles não importa que o latim é uma língua morta; o que importa é a tradição.

É obvio que os apóstolos e a igreja primitiva não usavam Datashow em seus cultos, nem caixas JBL, nem microfones Shure; mas, se essas coisas existissem, não tenho dúvidas que eles usariam a fim de que a palavra chegasse com mais clareza aos ouvidos. Exemplo disso foram as estradas constru-

ídas pelo império romano para melhor locomoção de seus exércitos e caravanas comerciais, mas, que foram largamente usadas por apóstolos como Paulo para suas viagens missionárias a fim de expandir o reino dos céus. Podemos falar o mesmo das grandes embarcações que levaram soldados para conquistar novas terras, mas levaram os soldados de Cristo também.

Um culto no Brasil é uma coisa, tem suas características próprias, mesclado com sua cultura; cultura essa que também

“

Há certas coisas que, se ficassem registradas nas escrituras, pessoas iriam querer sacralizar independentemente de aquilo servir ao seu tempo.

”

é dádiva de Deus e que o diabo sempre corrompe, mas que cabe à igreja redimir; Um culto na china é outra coisa, com suas características próprias; nos países da África então, nem se fala. Nos quatro cantos do planeta, cada um adorando a Deus de maneira diferente emaranhado com seus traços culturais e seu entendimento da palavra de Deus. Não há certo nem errado nisso; o que há é iluminação do castiçal de ouro do Espírito Santo para cada povo, nação e etnia; o castiçal sem medidas.

No que diz respeito ao culto, podemos achar significativas diferenças até mesmo nas diferentes denominações de um mesmo país. Quanta diferença existe entre os cultos de denominações como Casa da Bênção, Assembleia de Deus, Batista, Deus é Amor, Presbiteriana, etc. E, Dentro das mais diversas denominações, há diferenças também. Há igrejas que só se parecem na placa, porque o resto é tudo diferente. Desde que não se mexa com os elementos centrais da fé cristã, temos que estar preparados para receber com respeito aquilo que é diferente.

Para quem nasceu na Casa da Bênção, a única noção de igreja que tem talvez seja essa. Quem é

da época dos corinhos, praticamente “canoniza” os corinhos; há quem não se acostume com as mensagens acompanhadas por projeções; as igrejas estão adotando um sistema novo de iluminação e cores e, tem gente que só falta dar à luz por causa disso. Muito já foi dito o quanto essas coisas não podem substituir a unção de Deus na igreja e o cuidado para que o culto não se torne um show; o foco tem que ser mantido e os princípios guardados; igrejas ainda são e sempre serão edificadas no ensino dos apóstolos. Mas, não precisamos e não devemos fazer nossas “neustãs”. Sabe do que estou falando, não é? Refiro-me ao episódio em que o povo começou a murmurar contra Moisés e Deus enviou serpentes que os mordiam. Por ordem de Deus Moisés fez uma serpente de bronze e colocou-a sobre uma haste; todo aquele que era picado por uma serpente e olhava para a serpente de bronze era curado (Nm 21.4-9). Aquela serpente de metal foi algo que Deus usou num momento específico e com um propósito específico. Depois daquilo, ela não teria mais utilidade alguma. Porém, séculos depois, o povo de Israel estava adorando a serpente de metal e a chamando

de Neustã (uma coisa de latão). Parecia até um ato de fé e honra a Deus acender incenso ao objeto que ele usou para operar curas. Mas, veja como Deus usou o rei Ezequias para fazer: “fez em pedaços a serpente de bronze que Moisés fizera, porque até àquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso e lhe chamavam Neustã” (II Reis 18.4). Ezequias teve o discernimento de fazer em pedaços algo que o povo havia sacralizado e canonizado. Há coisas que são uma bênção para um momento e para um objetivo, mas que, quando aquilo passa, temos que aprender a seguir em frente. Aquele que for sábio entenda.

Podemos manter nossas tradições, mas não as canonizar a ponto de rejeitar o novo e até perseguir quem busca.

Há um castiçal de ouro puro sem medidas a nos iluminar nessas questões. A grande luz que irradia desse castiçal do Espírito Santo é a luz do amor: “Quem ama o seu irmão vive na luz, e não há nessa pessoa nada que leve alguém a pecar” (I Jo 2.10). Uma das grandes manifestações desse amor é o respeito. Quem faz, para o Senhor faz; quem não faz, para o Senhor não faz. O importante é estarmos na luz do amor.

GLÓRIA, GLÓRIA, GLÓRIA... PRÁ QUEM?

DISCÍPULOS

Quando lideramos pessoas na igreja precisamos ter todo o cuidado com as nossas intenções. Por diversas vezes, líderes deixam de dar glória a Deus e buscam a glória para si mesmos. Mas esse sentimento não é novidade, pois Satanás também desejou ser adorado: *“... Por isso, anjo protetor, eu o humilhei e expulsei do monte de Deus, do meio das pedras brilhantes. Você ficou orgulhoso por causa da sua beleza, e a sua fama o fez perder o juízo. Então eu o joguei no chão a fim de servir de aviso...”* Ez 28.16,17

A coisa começa a ficar mais complicada quando utilizamos o ministério, o altar, as redes, as células, o microfone de nossa igreja, para angariar glória para nós mesmos.

Em especial, quero falar agora sobre a área da música na igreja. Provavelmente esse seja o ministério mais atingido pela necessidade humana de receber glória pessoal. Gostaria de abordar dois pontos aqui: os músicos precisam ser santos e a música também precisa.

Muitos adoradores dirigidos pelo Espírito foram trocados por “adoradores



extravagantes”, imitadores do David Quinlan (inclusive o sotaque estrangeiro) e cópias da Ana Paula Valadão, gente ministrando de costas para o povo e “voltados” para Deus (Não estou falando mal desses cantores aqui citados, mas da atitude que alguns músicos em nossas igrejas). Verdadeiros “covers” em

nossos púlpitos, shows, “ministrações” que são repetidas (algumas frases são repetidas por quase uma hora), como se fora um mantra para trazer fogo em nosso altar.

Jesus declarou: *“Uma árvore é conhecida pelo seu fruto. Uma árvore de boa qualidade dá bom fruto; a de má qualidade dá fruto*

ruim". (NBV)

Como poderemos expressar a glória de Deus se não formos obedientes nas coisas mais simples? Quando o pastor pede prá tocar "Alvo mais que a neve", os músicos torcem o nariz, alguns chegam a alegar que este hino não estava em sua programação, pois é antigo ou ultrapassado.

Existem músicos em nossa igreja que só tocam se tiverem equipamentos importados, caixas Marshall, guitarra Fender, pratos Sabian para a bateria e não pode faltar um violão Takamine! Se não vier um músico da banda, já não querem tocar mais. Muitos

“

*Aonde as
canções cantadas
em nossos cultos são
inspiradas?*

”

são mimados, sensíveis, deixam a igreja por qualquer coisa. Só querem vir ao culto em que vão tocar.

Quero levantar uma questão aqui: Músicos são obreiros também ou é um grupo especial que segue outras regras? Precisam participar da reunião de obreiros, ser dizimistas? Podem, de vez em quando, carregar umas cadeiras, pegar uma vassoura para varrer a igreja, lavar um banheiro ou são importantes demais para executar essas tarefas também? Precisam ser disciplinados ou o “grupo de Louvor” é um ministério à parte?

Em meio a esses músicos tão capacitados, atualizados, dificilmente encontramos alguém que se preocupa com a letra dos hinos, se são bíblicos, ou até mesmo, “antibíblicos”. Ensinam algum valor cristão, são para a glória de Deus, são evangelísticos, expressam um coração quebrantado?

Hinos cantados exaustivamente em nossos cultos expressam sentimentos humanos, carnais, vingativos, como por exemplo, a canção “Sabor de Mel”. Eu não quero ser extremista aqui, mas quando é que algum líder de louvor, antes de “tirar” um hino para tocar no culto, reuniu os músicos e leu a letra da canção para ver se estava

de acordo com a bíblia, ou com os ensinamentos da igreja?

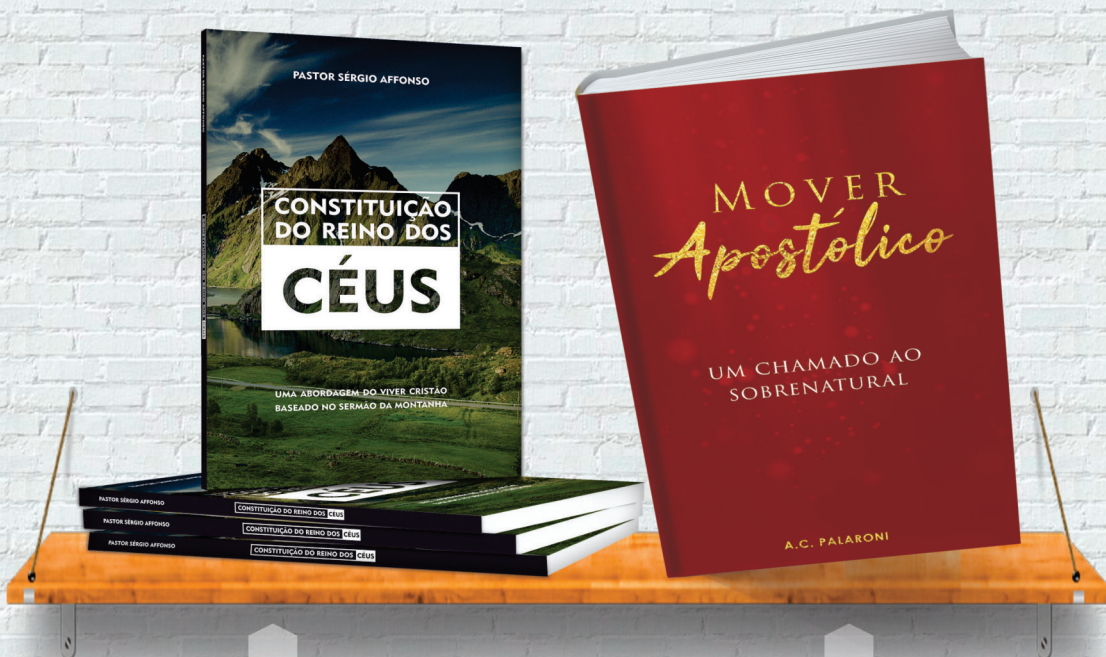
Alguém pode achar que seja exagero nosso, mas quero dar um exemplo de algo que aconteceu no Brasil, nos anos 90.

Um caso emblemático se deu com a Banda gospel **Novo Som**, que gravou em 1999 o CD “Não é o fim”. No trabalho original foi gravada a música **FUNTE DE AMOR**, de autoria de Sérgio Knust e que nada mais é do que a **PRECE DE CARITAS**, uma oração espírita. Depois que o caso veio a público, o CD foi recolhido e relançado sem a tal composição. Sergio Knust foi um músico mundano de renome e que, recém-convertido, foi convidado para fazer parte da banda Novo Som.

Sei que esse é um exemplo extremo, mas quero finalizar esse assunto e lhe perguntar: aonde as canções cantadas em nossos cultos são inspiradas?

Que nossos músicos sejam “santos ao Senhor”, que nossos púlpitos sejam o local de adoração, e que, o Senhor seja verdadeiramente o alvo dessa adoração! *“Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!” Rm 11.36*

Adquira o seu!



O Livro Constituição do reino dos Céus foi elaborado para ser utilizado como referência de estudo sobre o Sermão do Monte. Este livro também deverá ser utilizado como base de pesquisa para a nova revista da Escola Bíblica em classes de estudo, discipulado, ou até mesmo em reuniões de membros. Este é um novo modelo que estamos adotando para fortalecer e aprofundar a área de ensino e discipulado em nossa igreja.

O Bispo Palaroni apresenta nesta obra um desafio para que a Igreja do Senhor mova-se na unção apostólica. Este livro é um chamado para o retorno às nossas bases, à nossa vocação como igreja apostólica! Com certeza, todos nós iremos aprender muito com este material, que foi preparado com carinho e dedicação pelo Bispo Antonio Carlos Palaroni.



CONVENÇÃO 2019
NACIONAL ITEJ

VENCENDO BATALHAS

NO PODER DO
ESPÍRITO SANTO

Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum. Lucas 10:19

Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem; Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a sua armadura em que confiava, e reparte os seus despojos. Lucas 11:21,22



QSF 1 ÁREA ESPECIAL 4/5 SETOR F SUL - TAGUATINGA SUL
Tel.: (61) 3451-7200 cb.org.br